

A SEXUALIDADE INFANTIL E O DESEJO DE SABER: A ORIGEM DA ATIVIDADE INTELECTUAL NAS CRIANÇAS

Aluno: Andréia Tenório dos Santos
Programa: PIBIC/CNPq
Orientador: Prof. Dr. Leandro de Lajonquière

RESUMO

Com frequência, seja no ambiente escolar ou familiar, é possível deparar-se com crianças desejosas de saber e, por conseguinte, com seus infindáveis “porquês”. De acordo com Sigmund Freud, qualquer que seja a pergunta que uma criança faça, ela será sempre a das origens! “De onde vêm os bebês?” é para Freud a grande pergunta, pois é a que põe em marcha o pensamento infantil. Para ele, a chegada de um novo bebê na família produz grande angústia numa criança a ponto de impulsioná-la a pensar. É destas postulações freudianas que parte esta pesquisa. Ela se insere na interface Psicanálise e Educação e busca realizar um estudo sobre o movimento de uma criança rumo ao conhecimento. Trata-se de uma investigação de natureza conceitual e reflexiva, realizada a partir da leitura de textos de Sigmund Freud, de comentadores e leitores de sua obra, e de produções acadêmicas (artigos científicos, dissertações e teses) que colaboram na compreensão das condições de possibilidade da curiosidade infantil. Este trabalho investiga como se configuram os processos de pensamento, estabelecendo para isso uma articulação entre sexualidade, desejo e conhecimento. Esta articulação vai ao encontro da tradição psicanalítica que pensa o fenômeno da curiosidade infantil e da busca de conhecimento como algo *não natural*, como algo que não é inato, mas que se constitui no confronto do sujeito com sua sexualidade e seu desejo; o que só é possível graças à interveniência dos mais velhos (os adultos) sobre os mais novos (as crianças), ou seja, de uma necessária relação do sujeito infantil com os outros, no cerne da qual ele se confrontará com a sexualidade e o desejo.

Palavras-chave: psicanálise; fundamentos da educação; curiosidade infantil, sexualidade infantil, desejo de saber.

Às vozes que me teceram enquanto Sujeito do Desejo e igualmente a todas aquelas que me ajudaram a compor esse texto. Sem elas, nenhuma dessas tessituras seria possível.

E especialmente a Caíque, meu querido sobrinho, cuja curiosidade infantil foi a inspiração desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

“Aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu”. Goethe, Fausto.

Dívidas são contraídas e também são herdadas! Às pessoas abaixo, sinceramente agradeço pelo legado que me deixaram: a maior e melhor das heranças – uma dívida simbólica, a da transmissão da palavra.

Agradeço primeiramente aos meus pais, Nonato e Eva, por terem me desejado e me lançado no universo da linguagem e no mundo. E aos meus irmãos, Nairton e Nair, pelo saber e afeto com que sustentaram a minha permanência na vida.

A Neuza, Aparecido, Adilson e aos amigos, pelo apoio constante e pelos inestimáveis ensinamentos.

Aos meus primeiros professores, que me ensinaram a ler e a escrever me permitindo ver e ser tocada pelo mistério e beleza das palavras. E a todos os outros, cuja paixão pelos saberes e por sua transmissão aumentou ainda mais minha ânsia pelo conhecimento.

Sou particularmente grata à Kátia Bautheney, que me apresentou a Psicanálise de forma tão vibrante. Isso me pulsionou a prosseguir em seu estudo e me instigou a também me implicar em sua transmissão.

Muchísimas gracias ao prof. Leandro de Lajonquière, por ter acolhido, com singular disposição, o meu desejo de investigar. Sou igualmente grata pela distinção e leveza com que se dedicou a me orientar nesse processo de pesquisa.

Aos colegas e aos professores do curso “Clínica Psicanalítica: Conflito e Sintoma” do Instituto Sedes Sapientiae com os quais pude estudar e discutir a teoria e a clínica psicanalítica, o que contribuiu e muito no processo de feitura desse trabalho.

A Fabiola Corbucci, Marisa Vasconcelos e Douglas Emiliano, pela atenta e valiosa leitura do esboço inicial do meu projeto de pesquisa. E a Margareth, por possibilitar um diálogo sobre o tema desta pesquisa.

À Rita Vogelaar pela *ética* com que acompanha as vicissitudes da minha travessia, e por contribuir para que uma *solitariedade* se revele, ao poucos, uma “ausência assimilada”.

E, finalmente, ao CNPq, por ter me concedido uma bolsa para a realização desta pesquisa de Iniciação Científica.

*Que venha o que vier, mas minha origem,
por humilde que seja, eu quero conhecer!
(...) Tal é minha origem; nada mais poderá
modificá-la. Por que, pois, haveria eu de
renunciar a descobrir o segredo de meu
nascimento?*

Sófocles , *Édipo Rei*

INTRODUÇÃO

Os porquês...

– Tia, eu tenho **pipi**. E a minha irmãzinha tem o quê?

– Os meninos têm **pênis** e as meninas têm vagina.

– Não tia, eu não tenho **tênis**, eu tenho sapato.

Uma criança de quatro anos *sedenta de saber* e um adulto *sem saber* o que fazer! Quem nunca foi surpreendido por uma pergunta como esta e não soube muito bem o que fazer?

Seja em casa ou na escola frequentemente nos deparamos com crianças *apetitosas de saber*. O problema (na verdade, talvez, a “solução” deles) é que nunca sabemos muito bem como responder os seus infindáveis porquês. A questão é que as perguntas que fazem nunca são exatamente as perguntas que fazem. Segundo Freud, qualquer que seja a pergunta, ela será sempre a das origens!

“De onde vêm os bebês?” é para Freud a grande pergunta, pois é a que põe em marcha o pensamento infantil. Segundo ele, a chegada de outro bebê produz uma grande angústia numa criança, capaz de iniciar seus processos de pensamento, de fazê-la pensar.

Porém, não é somente por temer a perda dos carinhos e a atenção dos pais que uma criança tentará descobrir a origem dos bebês, ela o fará antes *pulsionada* por sentimentos práticos e interesses egoístas. E ela *desejará descobri-lo*, pois seu mais nobre objetivo, acreditem, é simplesmente impedir que isso volte a acontecer! A chegada de um recém-nascido verdadeiramente afeta uma criança porque a partir desse acontecimento ela descobrirá que o mundo não gira ao seu redor, quer dizer, ela perceberá que sua vontade não é reguladora do movimento do mundo e que está no mundo não porque ela quis, mas porque alguém desejou.

É nesse momento em que estava o nosso sobrinho, a criança do diálogo descrito no início. Sua pergunta recaiu exatamente sobre onde ele imagina que seja possível responder a questão sobre sua própria origem: na sexualidade. É, para Freud, na tentativa de elaborar um *não saber* sobre a sexualidade que

uma criança inicia suas investigações e, pouco a pouco, se lança ao mundo do conhecimento.

O que Freud nos diz com tudo isso é que os processos de pensamento (o ato de pensar) derivam das investigações sexuais infantis, ou seja, que há uma relação entre pensamento e sexualidade. Assim sendo, é isso o que tentaremos circunscrever e aprofundar neste trabalho. O objetivo de nossa pesquisa então é, a partir da teoria psicanalítica, estudar e refletir como alguém pode chegar ao conhecimento.

E como nosso trabalho tematiza “as origens”, falemos um pouco sobre a “origem” de nossa incursão na Psicanálise. O nosso primeiro contato com ela se deu no âmbito do estudo da Literatura, no curso de graduação de Letras da Universidade de São Paulo. Porém, um estudo mais sistematizado da teoria psicanalítica ocorreu, precisamente, na ocasião da disciplina de “Psicanálise, Educação e Cultura” no curso de Licenciatura em Letras da Faculdade de Educação da USP. Essas duas experiências foram bastante significativas e nos impulsionaram a prosseguir no estudo e aprofundamento da psicanálise, o que culminou, entre outras coisas, no trabalho adiante. Vejamos então como ele se configura.

No **Capítulo 1**, propomos uma discussão entorno a um conceito muito caro à psicanálise, o de *pulsão (trieb)*. Antes de adentrar ao conceito propriamente dito, começamos por pensar o sentido comum para o termo *pulsar*; em seguida fazemos algumas considerações sobre a origem na psicanálise do termo *pulsão*; passamos então às considerações conceituais de Freud e de seus comentadores no que concerne ao *Trieb*, definindo os seus termos integrantes: “fonte”, “pressão”, “objeto” e “alvo” assim como refletindo sobre a articulação entre eles numa montagem pulsional. E por fim, chegamos ao sentido psicanalítico de *pulsão*, qual seja o de que a pulsão é uma força que *impulsiona* as pessoas à vida e que ela é, em sua essência, “pilotada pelos outros”.

No **Capítulo 2**, nossa atenção recai sobre o conceito de *pulsão sexual*, sobre o que quer dizer, em estritos termos psicanalíticos, a *sexualidade*. Para entendê-lo nos dedicamos, num primeiro momento, a investigar as perversões sexuais e sua relação com a sexualidade infantil. Daí reunimos elementos para pensar nas manifestações sexuais das crianças e no papel desempenhado

pela mãe na erogenização do corpo infantil. Ligado a isso, retomando a ideia de que a *pulsão sexual* é “pilotada pelos outros”, tentamos entender como se dá a instalação do circuito pulsional numa criança trazendo o *olhar materno* como aquilo que vai modelar a criança como “*sujeito do desejo*”.

No **Capítulo 3**, nos dedicamos a estudar as teorias sexuais criadas pelas crianças para explicar o nascimento dos bebês. Vemos aqui, no seio das investigações sexuais infantis, o início da atividade intelectual das crianças.

No **Capítulo 4**, fazemos uma sistematização do que é a “pulsão de saber” para Freud, na tentativa de circunscrevê-la como derivada de um “desejo de saber” sexual infantil. Em seguida, para tentar provar a veracidade dessa hipótese, realizamos uma análise de dois textos de Freud: o do pequeno Hans (1909) e do Leonardo da Vinci (1910). E, por último, trazemos as considerações finais de nosso trabalho.

CAPÍTULO 1

DA ORIGEM ORIGEM: O CONCEITO *TRIEB*

Por isso uma força, me leva a cantar
Por isso essa força estranha no ar
Por isso é que eu canto
Não posso parar
Por isso essa voz tamanha...

Roberto Carlos

1.1 Do termo pulsar ao conceito *pulsão* (*Trieb*)

Roberto Carlos, possivelmente não estava pensando na pulsão de Freud quando compôs a canção que usamos como epígrafe para este capítulo. Mas nas palavras do músico está clara a existência de uma força *estranha* agindo, uma força que o movimenta e que o faz cantar. Em psicanálise, aquilo que nos movimenta, que nos faz cantar, é parte integrante da pulsão, digamos, por ora, que é a própria pulsão que nos convida a soltar a voz. É da pulsão que vamos falar.

Pra começo de conversa, vale dizer que ao buscar o termo pulsão em dicionários da língua portuguesa não o encontramos. Constatamos que ele não é de uso corrente em nossa língua, mas sim que remete, especificamente, à teoria psicanalítica. Entretanto, nessa busca, deparamos com outros termos correlatos à pulsão, a saber: pulsação, pulsar, pulsativo, pulsear, pulso, impulsão.

Detenhamo-nos em um deles: *pulsar*. Para ele temos as seguintes acepções: latejar, bater, palpitar, impulsionar, impelir, tocar, agitar, impedir, repelir, ferir, tanger, abalar. Notamos que essas acepções giram em torno de dois campos semânticos aparentemente contrários, pois ora elas remetem a algo que impele, outrora a algo que repele.

Apesar dessa aparente diferença, há, entre elas, algo em comum: o caráter impelente de uma força que coloca em movimento não importando a direção, se é para trás ou para frente, mas importando sim sua qualidade: a de

impulsionar constantemente. Peculiaridade esta, não só do termo *pulsar*, como também da concepção psicanalítica de *pulsão*. Assim, também na perspectiva da psicanálise *pulsão* é uma força que impele, que estimula, que empurra. Portanto, vemos que a *pulsão* toma para si, faz suas, as acepções de *pulsar*.

Do ponto de vista etiológico, de acordo com o Dicionário de Psicanálise (Roudinesco, 1998), o termo *pulsão* (*pulsion* em Francês) é derivado do latim *pulsio*, para designar o ato de impulsionar e surgiu na França em 1965.

Já no Vocabulário da Psicanálise (Laplanche e Pontalis, 1967) temos que “o termo *pulsion* foi introduzido nas traduções francesas de Freud como equivalente do alemão *Trieb* e para evitar as implicações de termos de uso antigo como *instinct* (instinto) ou *tendance* (tendência)”. Portanto, o termo *pulsão*, utilizado em português, não de forma corriqueira, mas no âmbito da teoria psicanalítica, pode ser considerado um neologismo oriundo do francês.

Os termos *Instinkt* e *Trieb* existem na língua alemã e possivelmente por isso em diversas traduções das obras de Freud figura-se *Trieb* como Instinto ou como pulsão. No entanto é preciso considerar algumas diferenças de significado entre os dois termos. A respeito disso, vejamos o que coloca o editor da nova edição brasileira das Obras de Freud (2004):

Em alemão, *Trieb* e *Instinkt* são sinônimos ocasionais, mas *Instinkt* padece do problema de enfatizar a articulação entre o biológico e o fisiológico com o psíquico como um imperativo, ao passo que o termo *Trieb*, além desse imperativo presente na vida das espécies e dos seres humanos, engloba outros elementos. (...) o arco de *Trieb* abrange também a esfera mais volitiva ligada ao pensamento e às representações e ultrapassa as determinações “naturais”. *Trieb* não é representado apenas por imperativos compulsivos, mas também por desejos, carências e outras representações e afetos menos investidos e mais deslocáveis (p. 143-144).

Assim, enquanto *Instinto* estaria relacionado à esfera biológica, por enfatizar o aspecto determinista da biologia sobre o comportamento, *Trieb* está numa intersecção entre o psíquico e o somático, pois a pulsão (*Trieb*) relaciona-se à esfera psíquica sem, contudo, jamais desligar-se da esfera biológica. É em termos de *Trieb* e não de *Instinkt* que fala Freud quando se refere à pulsão.

Vejamos, no texto “Pulsões e Destinos das Pulsões” (1915)¹ a célebre definição que Freud dá para *pulsão* (*Trieb*):

A “pulsão” nos aparecerá como um conceito-limite entre o psíquico e o somático, como representante psíquico dos estímulos que provém do interior do corpo e alcançam a psique, como uma medida da exigência de trabalho imposta ao psíquico em consequência de sua relação com o corpo (p. 148).

Ser um conceito-limite é estar no “entre”, é fazer fronteira entre um e outro “lugar”, logo, o conceito de *pulsão* se faz presente no “entre”. Estar no “entre”, é, digamos, estar ao mesmo tempo num lugar e noutra, e também o contrário, não estar exatamente nem num, nem noutra lugar.

Pois bem, a pulsão está no “entre”: entre o corpo e o psíquico, isto é, está nos dois lugares, mas, ao mesmo tempo, em nenhum deles. Por ser ela um conceito, e por isso nada “palpável”, ela é aquilo que do corpo afeta o psíquico e por isso nele estará representado como força contínua. Parece ser que a pulsão se manifesta na medida em que estímulos originados no corpo, por sua grande intensidade, passam a agir como pressão (força) no aparelho psíquico, impulsionando-o para frente, a trabalhar.

No texto referido acima, Freud também apresenta alguns termos que são usados em conexão com o conceito de pulsão, podemos chamá-los de os termos que compõem a pulsão, que participam da montagem pulsional, são eles: meta [*Ziel*], fonte [*Quelle*], objeto [*Objekt*] e pressão [*Drang*].

A *meta* (ou alvo) de toda pulsão é sempre a mesma: a obtenção de prazer pela diminuição de uma tensão, isto é, a satisfação. Ainda que os modos (as formas, os caminhos) de se alcançar tal meta sejam diversos.

A fonte da pulsão é somática, é uma zona erógena, entendida como uma parte excitável do corpo onde se origina uma tensão.

O *objeto* é aquilo em que, ou pelo que, a pulsão busca atingir sua meta. Pode ser ele uma parte do próprio corpo ou estar fora dele. Sendo o corpo ou algo fora dele, a maior qualidade do objeto é ser contingente e variável. Nas

¹ O texto em questão, com tal título, refere-se às novas traduções das obras completas de Freud, diretamente do Alemão para o Português, que estão sendo empreendidas por Luiz Alberto Hans. Nas obras completas de Freud organizadas pela Imago o texto referenciado tem o seguinte título: “Os Instintos e suas vicissitudes” (1915).

palavras de Freud, o objeto: “não está originalmente vinculado a ela [a pulsão], sendo-lhe apenas acrescentado em razão de sua aptidão para propiciar a satisfação” (p. 149). Assim, não importa tanto o objeto em si, razão pela qual ele é bastante variável, mas que ele possa ajudar a atingir o alvo.

A *pressão* (ou impulso) é caracterizada por ser uma força constante que tem por caráter impulsionar. Esta força (que impulsiona) ² caracteriza-se por ser uma propriedade universal das pulsões.

Pois bem, depois de passarmos por todos os termos que compõem a pulsão, ainda nos parece obscura a maneira como eles se articulam entre si. Como *fonte*, *pressão*, *objeto* e *meta* se enlaçam e produzem uma montagem pulsional que impele um sujeito a avançar? É Kupfer quem nos ajuda a pensar:

A pulsão é uma construção teórica que não prescinde do apoio biológico – já que a fonte da pulsão é biológica – mas se faz nitidamente independente desse plano quando institui a necessidade de ser representada pelas identificações. Ou seja, não há simplesmente uma maturação de instintos em jogo, é preciso que intervenham experiências com outras pessoas para que a pulsão seja construída e revele sua eficácia no plano psíquico. A pulsão, como diz Godino é “pilotada” pelos outros, já que, no princípio, uma criança é indefesa na busca dos objetos necessários à sua satisfação (1990, p. 12).

Kupfer, com suas palavras, nos oferece pistas de como se dá a montagem pulsional. Por ela sabemos que a *pulsão* não é inata e natural, senão constituída nas relações com os outros. O que nos leva a deduzir que não é meramente sobre o somático que a pulsão se apoia para “construir-se”, ela se apoia, antes, no outro, ou melhor, ela deriva do outro. Podemos dizer que a pulsão se apoia no corpo do outro para “ter um corpo”, para ter vida.

Freud, ao falar que a pulsão funciona “como representante psíquico dos estímulos que provém do interior do corpo e alcançam a psique” parece estar assinalando que não é propriamente a pulsão que atua no psíquico mas sim suas representações. E de onde vêm essas representações? O que são elas?

² No caso das pulsões sexuais, esta força receberá o nome de *libido*, termo empregado muitas vezes por Freud como correlato de *pulsão sexual*. No primeiro parágrafo do Segundo Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade Freud explica que: “Falta à linguagem vulgar [no caso da pulsão sexual] uma designação equivalente à palavra “fome”; a ciência vale-se, para isso, de “libido” (1905:128). Isso poderia ser assim entendido: da mesma forma que a fome é aquilo que força o indivíduo a buscar alimento para satisfazer a sua *pulsão de nutrição*, a *libido* é o que força o indivíduo a buscar o alvo da pulsão sexual, é o que dá vida às pulsões sexuais. No próximo capítulo veremos como o conceito freudiano de pulsão, agora discutido, relaciona-se com o conceito de sexualidade.

É neste momento que entram os outros. É graças ao contato com os outros, em especial com a mãe, que se construirão as primeiras representações que levarão à satisfação da pulsão, o que impulsionará à vida. Assim Kupfer coloca:

Para que o alvo seja atingido, torna-se necessário ir “buscar” um “objeto” através do qual se possa obter a “satisfação” (...). A busca de objetos (...) pode existir em parte graças à construção das identificações, uma espécie de “acervo” que o sujeito adquire no contato com os outros, ao longo de seu processo de estruturação, (...) que o “ensina” como ir buscar o objeto, para onde dirigir a energia produzida pela fonte (1990, p. 11).

Ficamos sabendo então que o processo de estruturação de um sujeito se dá no contato com o outro, na relação da mãe com seu bebê. É graças ao investimento dos outros (pais) sobre o bebê que será possível a construção das identificações. Graças às identificações que a pulsão pode atuar, isto é, que haverá a construção da sexualidade.

Já havíamos apontado em nota de rodapé que o conceito de pulsão, ao qual nos referimos ao longo deste capítulo, tem conexão íntima com a sexualidade. Freud, ao tratar da pulsão, está justamente falando da pulsão sexual, ou seja, da própria sexualidade. Aliás, é, precisamente, no estudo da sexualidade que Freud delinea sua noção de pulsão.

Enfim, para dar continuidade a nosso estudo sobre a pulsão e para melhor vislumbrar que “força estranha” é essa que nos pulsiona a cantar, passemos a estudar o texto “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” (1905) de Freud. Deste texto reuniremos elementos para pensar, a partir de um ponto de vista da psicanálise, o que é a sexualidade humana e como ela se constitui. Com isso, poderemos retomar e nos aproximar um pouco mais daquilo que viemos tratando sobre a atuação da pulsão, isto é, sobre como se dá a instalação no sujeito do circuito pulsional.

CAPÍTULO 2

UM ESBOÇO SOBRE A SEXUALIDADE

A mãe recorta com o gume de suas palavras, de seus sorrisos, de suas mãos, sobre um horizonte de indeterminação, o filho de seus desejos.

Leandro de Lajonquière³

2.1 Dois Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade

Nos Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905) Freud traz uma discussão sobre a constituição da sexualidade humana, sobre a pulsão sexual.

No primeiro ensaio ele pensa o sentido da perversão e estuda diferentes formas de satisfação sexuais consideradas perversas. No ensaio seguinte discute e caracteriza a sexualidade infantil. E no terceiro, enfoca a pulsão sexual no seu “estágio último de desenvolvimento”, quando, na puberdade, há uma organização genital plena, na qual os genitais se colocam a serviço da reprodução ou do prazer orgástico.

Tendo em vista que este trabalho tem por objetivo estudar as possíveis relações existentes entre a sexualidade e curiosidade infantil, trataremos, apenas, de dois dos ensaios: o primeiro e o segundo: “As aberrações sexuais” e “A sexualidade infantil”, respectivamente, já que julgamos serem estes os textos mais significativos para os nossos propósitos. Vamos a eles:

2.1.1 Primeiro ensaio: Perversões sexuais

No verbete ‘perversão’ do Vocabulário da Psicanálise (1983), Laplanche e Pontalis assinalam que é “difícil conceber a noção de perversão sem ser em referência a uma norma”. Ao falarmos em ‘norma’, falamos explicitamente em

³ LAJONQUIÈRE, Leandro. De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens. A (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber. 14ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

algo 'definido', algo pré-estabelecido como 'normal', não desviante de uma regra firmada como verdade.

Se encarada por esse viés – o do senso comum, a perversão aponta àquilo que não segue às regras, algo que seria 'desviante' delas. De acordo com a Wikipédia, uma enciclopédia livre na internet, 'perversão' vem de *pervertio*, que por sua vez vem de *per vertere* que remete à noção de “por de lado”, ou “por-se à parte”.

Então, em um sentido comum, podemos entender o termo 'perversão' como algo que designa um 'desvio' por parte de um indivíduo ou grupo em relação a uma “norma”, a uma “normalidade” histórica e socialmente estabelecida. Mas e no campo da sexualidade o que seria *perversão*? E para a psicanálise?

Encarando a perversão, num sentido biológico, ela pode ser lida como aquilo que na vida sexual se manifesta contrariamente ao ato sexual (o coito) que visa à reprodução – a relação genital entre pessoas de sexos opostos a fim da conservação da espécie humana. Neste sentido, esta seria a “norma”, algo biologicamente pré-estabelecido (definido), e, portanto, tudo que dela se afasta, na perspectiva em questão, é então visto como perversão. Entretanto, numa mirada psicanalítica a perversão toma outros sentidos, não devendo ser considerada como um desvio.

Antes de Freud, Krafft-Ebing com *Psychopathia sexualis* (1893) e Havelock Ellis com *Studies in the Psychology of Sex* (1897) na medicina, já haviam feito um estudo sistemático das perversões sexuais. Portanto, Freud, com os *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), não é o primeiro a tratar das perversões sexuais em si, mas o é no modo como ele o fez. Laplanche e Pontalis asseveram que “a originalidade de Freud foi encontrar no fato da perversão um ponto de apoio para pôr em causa a definição tradicional de sexualidade” (p. 433).

Freud inicia o primeiro dos três ensaios justamente pondo em xeque a concepção popular de sexualidade, criticando seu caráter supostamente definido, a seu ver impreciso e falho. De acordo com esta concepção, coloca ele, a sexualidade:

“estaria ausente na infância, far-se-ia sentir na época e em conexão com o processo de maturação da puberdade, seria exteriorizada nas manifestações de atração irresistível que um sexo exerce sobre outro, e seu objetivo seria a união sexual, ou pelo menos os atos que levassem a essa direção” (1905, p. 128)

Freud põe em questão essa concepção de sexualidade, pois nela a pulsão sexual é vista como linear e definida, isto é, a sexualidade teria como único alvo a união de sexos opostos para a reprodução. Nessa visão, diria Freud, não se leva em conta o caráter perverso da pulsão sexual, o fato de que a sexualidade nem sempre tem alvos e objetos tão bem definidos como prega o senso comum, ou seja, para ele isso implica dizer que a sexualidade é em si perversa.

Freud destaca que a pulsão sexual é caracteristicamente perversa depois de notar, por seus estudos clínicos, que nem sempre a sexualidade humana tem objeto e alvo definidos, já que estes podem ser muitos e variáveis. Ele observa que, nem sempre, o homem e a mulher têm como objeto sexual um ao outro. E constata ainda que pessoas podem também ter como objetos sexuais, seres inanimados, ou seja, nem sempre seus objetos de amor seriam pessoas.

Sendo assim, Freud aponta que pessoas do mesmo sexo podem ter-se, uma a outra como objetos sexuais, e, por isso, pelo fato de não terem como objeto sexual o sexo oposto, ele as considera *invertidas* quanto à escolha do objeto. A existência dessa inversão invalida aquilo que, na concepção popular, seria o único alvo da sexualidade humana: a união dos genitais em prol da reprodução.

É preciso aclarar que a *inversão* que está em questão não é só de objeto, é também de alvo sexual, e é isso que nos possibilita dizer que a sexualidade é perversa. E o é, pois além de ela não ter objetos fixos, seu alvo nem sempre será a reprodução ou a obtenção de prazer via encontro de genitais opostos.

Coloquemos atenção nas seguintes palavras de Freud:

Chamou-nos a atenção que imaginávamos como demasiadamente íntima a ligação entre pulsão sexual e o objeto sexual. A experiência obtida nos casos considerados anormais nos ensina que, neles, há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda, que corríamos o risco de não ver em consequência da uniformidade do quadro normal, em que a pulsão parece trazer consigo o objeto. Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre pulsão e o objeto. É provável que, de início, a

pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste. (1905, p. 140).

O que vemos é que Freud se dá conta, não sem surpresa, de que não há uma relação de dependência e exclusividade entre a pulsão sexual e o objeto sexual e, estendamos, entre a pulsão e seu alvo sexual – dependências que contrariamente e vigorosamente são consagradas pela noção popular de sexualidade.

Nos Três Ensaio (1905) e na Conferência “A Vida Sexual dos Seres Humanos” (1915-1916), por algumas perversões sexuais apresentadas por Freud, podemos confirmar esse afrouxamento entre a pulsão sexual, objeto e alvo. De acordo com observações feitas por ele nos textos supracitados, podemos dividir as perversões sexuais em dois grupos: quanto ao objeto e quanto ao alvo sexual.

No primeiro grupo estão a homossexualidade, a bissexualidade, a pedofilia, o fetichismo, a zoofilia e a necrofilia. Nestas perversões o objeto sexual foi modificado, pois o sexo oposto não é o objeto sexual almejado. Já no segundo grupo estão o exibicionismo, o voyeurismo, o sadismo e o masoquismo. Nestas perversões o alvo sexual foi alterado, isto é, a união dos genitais opostos no coito não é, nesse caso, o alvo ansiado. Aqui o alvo almejado está justamente a caminho do coito, nas preliminares, pois aqui o propósito não é o coito propriamente dito, senão o que está antes dele.

Freud chama a atenção para o fato de que atividades sexuais ditas perversas, tais como: o sexo anal; o sexo oral; a masturbação; olhar ou ser olhado na execução de atos íntimos; exibição de partes do corpo; submeter-se ou infligir outrem a dor; ou ainda, tomar como objeto sexual algo inanimado, são também frequentes na vida sexual dos heterossexuais.

É esse um dos momentos cruciais na Teoria da Sexualidade pensada por Freud: quando ele descobre que os comportamentos sexuais perversos não são exclusivos de um grupo e que eles são frequentes na vida sexual da maioria das pessoas, mais do que se possa imaginar.

Freud vai dizer que há uma persistência de tendências perversas integradas no ato sexual (popularmente dito normal) sob a forma de ‘prazeres preliminares’. Isso o leva a afirmar que a perversão faz parte da sexualidade

humana, segundo ele, a perversão está na base de sua constituição (Laplanche e Pontalis, 1967, p. 433).

Dessa forma, o que fica evidente nas descobertas de Freud quanto à perversão é o caráter sumamente errático (perverso-polimorfo) da pulsão sexual, pois, como vimos, pode ela satisfazer-se com variados objetos sexuais e de diversos modos.

Além disso, deve também ficar nítida a conclusão de que a visão psicanalítica e popular da sexualidade difere significativamente uma da outra, já que na primeira são tomadas como parte da sexualidade humana também as atividades sexuais chamadas perversas e não só a união dos genitais com vistas à reprodução, como se defende na segunda das visões. Guardemos uma preciosa conclusão: a psicanálise propõe um sentido muito mais amplo para a sexualidade na medida em que nela engloba as perversões.

Continuaremos ainda a falar das perversões já que Freud, estudando-as, sinaliza sua origem na infância:

Diante da ampla disseminação das tendências perversas [...] fomos impelidos ao ponto de vista de que a disposição para as perversões é a disposição originária universal da pulsão sexual humana [...]. Alimentamos a esperança de poder apontar na infância essa disposição originária. [Freud, 1910, p. 218].

Assim, somos levados a investigar a sexualidade infantil, objeto de estudo do Segundo Ensaio.

2.1.2 Segundo Ensaio: A sexualidade infantil

Faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida designado da puberdade. Mas esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves consequências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual. (Freud, 1905, p. 163)

As palavras com as quais Freud inicia seu segundo Ensaio trazem à tona, se não o maior, um dos principais achados da psicanálise: a existência da pulsão sexual na infância. Em função dessa descoberta, Freud recebeu injustamente as mais severas críticas e injúrias, porém, também em função

dela, ele abriu caminho para um estudo aprofundado e um melhor entendimento das bases da sexualidade.

Embora a opinião popular de que a sexualidade se origine na puberdade date de 1905, pode-se dizer que ainda hoje ela seja difundida como uma verdade. É importante assinalar, no entanto, que no âmbito psicanalítico essa “verdade” é de outra ordem: da ordem da *resistência*. Esta, vale dizer, é uma palavra valiosa para refletirmos sobre o descaso para com o infantil, criticado por Freud já na primeira parte de seu Segundo Ensaio.

Ele aponta que os estudiosos de sua época não se preocuparam em investigar o desenvolvimento da vida sexual do ser humano a partir da infância. Com esse “deslize” eles teriam deixado de notar a presença de manifestações sexuais nas crianças, difundindo a ideia de serem elas, seres angelicais assexuados. Quando o notaram, no entanto, trataram de taxá-las como verdadeiras aberrações – fruto de processos excepcionais ou de depravação precoce.

Freud busca ainda explicar essa negligência para com o infantil relacionando-a com um fenômeno intrapsíquico chamado amnésia. Esta, segundo ele, seria a responsável por encobrir os seis ou oito primeiros anos da infância da maioria das pessoas ocultando delas os primórdios de suas vidas sexuais, levando-as a esquecer, quando adultas, que durante esse período de suas infâncias demonstravam vivamente as mais variadas emoções e sentimentos – expressão da própria sexualidade.

O estudo da amnésia infantil leva Freud a muitas conclusões, dentre elas, especialmente, uma nos interessa:

A amnésia infantil, que converte a infância de cada indivíduo numa espécie de época *pré-histórica* e oculta dele os primórdios de sua própria vida sexual, carrega a culpa por não se dar valor ao período infantil no desenvolvimento da vida sexual (Freud, 1905, p. 165).

Importante notar que a existência da amnésia infantil anuncia em cada um de nós, embora esquecida, uma pré-história sexual. Robert Lévy em *O infantil na Psicanálise* coloca que “essa ‘pré-história’ infantil é muito próxima, no que diz respeito à modalidade de recalque⁴ (cuja consequência é a amnésia),

⁴ No sentido próprio: operação pela qual o indivíduo procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. O recalque produz-se nos

da dimensão do recalque no neurótico” (2008, p. 24-25). Esta amnésia infantil historiciza a vida de cada um de nós, revelando-a marcada, desde o início, por manifestações sexuais que, no entanto, tiveram de ser recalçadas.

Na Quarta Lição de Psicanálise (1910, p. 54-55) Freud aponta como responsáveis por esse recalçamento a civilização e a educação, isto é, pelo fato de ser submetido a elas o homem acabaria por recalcar a sua própria atividade sexual infantil.

Poderíamos conjecturar ainda que nesse recalçamento esteja aquilo que inicialmente apontamos como resistência. E de fato, a não aceitação da sexualidade na infância ainda nos dias de hoje, se relaciona com alguma força que se coloca contra, que resiste. Assim, quando Freud se pergunta sobre que *forças efetuariam esse recalçamento*, poderíamos depreender que elas estariam ligadas, sobretudo, à resistência.

Essa resistência viria a ser algo do inconsciente, uma força que atuaria na consciência da pessoa, afastando dela ideias insuportáveis, inadmissíveis sem serem disfarçadas. O insuportável dessas ideias certamente está em seu caráter sexual. Assim, o que queremos sugerir é que não só o descaso para com o infantil apontado por Freud mas também a não aceitação mais ou menos geral da Psicanálise, já que ela trata justamente do caráter sexual do infantil, têm sua origem nesse peculiar fenômeno denominado resistência⁵.

2.2 As manifestações sexuais infantis

Como modelo das manifestações da sexualidade infantil Freud elege o *chuchar*⁶. Segundo ele, esta atividade:

casos em que a satisfação de uma pulsão – suscetível de por si mesma proporcionar prazer – ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências. O recalçamento é especialmente patente na histeria, mas desempenha também um papel primacial nas outras afecções mentais, na medida em que estaria na origem da constituição do inconsciente como domínio separado do resto do psiquismo. (Laplanche & Pontalis, 1983, p.553).

⁵ No decorrer do tratamento psicanalítico, dá-se o nome de resistência a tudo o que, nos atos e palavras do analisando, se opõe ao acesso deste ao seu inconsciente. Por exemplo, Freud falou de resistência à psicanálise para designar uma atitude de oposição às suas descobertas na medida em que elas revelavam os desejos inconscientes e infligiam ao homem um “vexame psicológico”. (Laplanche & Pontalis, 1983, p. 595-596).

⁶ Logo no início da parte “Manifestações sexuais” do Segundo Ensaio, Freud não deixa de assinalar que a natureza sexual do *chuchar* foi primeiramente reconhecida pelo pediatra húngaro Lindner (1897).

consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca (os lábios), do qual está excluído qualquer propósito de nutrição. Uma parte dos próprios lábios, a língua ou qualquer outro ponto da pele que esteja ao alcance [...] são tomados como objeto sobre o qual se exerce essa sucção. (1905, p. 169).

Da leitura que fizemos de Freud e do trecho acima, depreendemos que os primeiros impulsos sexuais infantis aparecem sempre ligados a funções vitais, mas depois delas se desvincilham. O *chuchar* é um exemplo disso, pois ele nasce apoiado na função da nutrição, indispensável à preservação da vida e, no entanto, deixa de estar vinculado a ela passando a relacionar-se à busca de algo que é mais do que alimento. É a pulsão sexual, apoiando-se sobre o somático, que se apresenta em seu princípio. Apoiar-se sobre as funções funcionais para agir é uma peculiaridade da pulsão. Entendamos.

A teoria pulsional de Freud é sempre dualista. Num primeiro momento dessa teoria, ele divide as pulsões em *Pulsões de autoconservação* e *Pulsões sexuais*. As últimas estariam no campo da busca de prazer; as outras, no das necessidades vitais que visam à conservação do indivíduo. Assim, se falarmos em pulsão, temos que diferenciar “necessidade” de “vontade”, “necessidade” de “ânsia”; nos termos de Freud, há que se opor a “fome” ao “amor”. Assim, ao falarmos em necessidade ou fome, estamos no âmbito funcional, na preservação do organismo. Ao passo que se falamos em termos de “vontade”, “ânsia”, “amor” nos situamos no campo da pulsão. Ora pois, é o mesmo dizer que *necessidade* e *satisfação* não coincidem.⁷

Uma vez que as manifestações sexuais são a expressão da pulsão sexual e, portanto, se apóiam nas funções vitais para se apresentarem, para Freud, após um contato com o prazer, satisfazer as necessidades fisiológicas, nunca será exclusivamente a satisfação dessas necessidades, esta, será no limite e para sempre, acompanhada por uma busca de prazer, pela busca da Satisfação.

É por isso que podemos ver no *chuchar* não apenas a busca pela satisfação da nutrição, senão a busca do prazer. Assim, no *chuchar*, o bebê, mesmo depois de mamar e já estar saciado, permanece no seio materno

⁷ E por que não coincidem? Porque as “necessidades” pedem, e podem ser satisfeitas, por um objeto adequado, específico e real (por exemplo, o alimento); já a satisfação, por referir-se à ordem da pulsão, apontará para uma contingência de objetos, sem nunca chegar ao objeto específico da Satisfação. No entanto, veremos adiante que este objeto não existe de fato, pois habita também na ordem do *desejo*, daquilo que é sempre insatisfeito.

sugando-o, chuchando, simplesmente para deleitar-se. Embora esse *sugar com leite* nos remeta inicialmente ao ato de mamar do lactente, ele é disso desvinculado e pode ser vislumbrado, mais tarde, no adulto, em atividades como o beijar, ou o sexo oral, etc, cujo objetivo principal é reviver aquele *plus* de prazer experimentado no mamar.

Sobre o mamar, na conferência “A vida sexual do seres humanos” (1915-1916) Freud afirma que:

se um bebê pudesse falar, ele indubitavelmente afirmaria que o ato de sugar o seio materno é de longe o ato mais importante da vida. [...] nesse único ato [ele] está satisfazendo de uma só vez as duas grandes necessidades vitais [nutrição e a satisfação sexual]. [...] Sugar ao seio materno [ou seu substituto] é o ponto de partida de toda a vida sexual, o protótipo inigualável de toda satisfação sexual ulterior. (p. 319)

Ou seja, a experiência de prazer que a criança busca repetir no chuchar, ou em outras atividades sexuais quando adulta, estaria relacionada a esse primeiro ato de prazer: o de mamar. Mas onde queremos chegar repetindo essa informação? Ora, exatamente na importância da “repetição” de uma certa vivência de satisfação.

Para entendê-la, nos apoiemos em Lajonquière (2007):

O recém-nascido, em estado de total desamparo, experimenta uma *necessidade*. Esta instala no organismo uma tensão, submergindo-o numa comoção generalizada ao ponto de colocar em perigo sua própria integridade. Nessas circunstâncias, o até então organismo grita, e a mãe (ou qualquer outro), acudindo em seu auxílio, transforma essa manifestação inintencional numa *demand*a de alimento no instante mesmo em que o acolhe em seus braços e lhe oferece o seio. Assim, o grito se faz demanda e a criança passa de um estado de total inanição à satisfação completa. O gesto do adulto é a todas as luzes significante, isto é, recorta, põe ordem “grampeando” uma significação aí onde antes só reinava a pura indiferenciação orgânica. Mais exatamente: aí onde nada havia, a primeira experiência ou vivência de satisfação inscreve a diferença entre o “nada” e o “tudo” [inscreve o desejo]. A marca deixada toma a forma de um traço mnêmico que faz às vezes de pedra fundacional de todo o aparelho psíquico. (2007, p. 155)

Essa primeira vivência é bastante significativa pois ela marca o recém-nascido, deixando-lhe um traço mnêmico que sobredeterminará as suas experiências posteriores. A cada momento que ele sentir-se em iminente

estado de tensão haverá em sua memória uma (re)ativação do traço mnêmico originário de prazer.

O traço mnêmico deve ser aqui entendido como um resto de memória, como aquilo que, da vivência de satisfação, resta (fica guardado) na memória do recém-nascido. E é por essa experiência ser a primeira na qual o bebê experimentará uma *satisfação* “absoluta”, que ela retornará nas próximas experiências como uma marca alucinatória (o traço mnêmico) da primeira.

A partir da primeira vivência, o bebê “entende” que sempre haveria de haver um objeto (algo e/ou alguém) capaz de retirá-lo de um estado de tensão e supri-lo integralmente. No entanto, nas próximas ocasiões, a satisfação primeira não se repetirá porque não é possível que haja alguém ou algo que o satisfaça sempre na medida exata.

Esta impossibilidade de satisfação faz o bebê experimentar uma *falta*; abre nele um eterno ‘*estar em falta*’ que o impulsiona a buscar objetos que supram essa *falta*. Em psicanálise, esse “*estar em falta*’ chama-se desejo (*Wunsh*) e o objeto que o causa com sua falta chama-se em Freud, a coisa (*das Ding*) e, em Lacan, objeto ‘a’ (*l’object petit a*)” (Lajonquière, 1992, p. 156). Dessa forma, a *falta* (de objeto) abre caminho para o *Wunsh*.

Tentemos entender da seguinte forma a impossibilidade da repetição da experiência originária. Digamos que ela seja “dada” ao bebê, pois ela não ocorre, de fato, por causa de uma demanda real de alimento por parte dele, mas em função de um “desejo” da mãe, que naquela ocasião desejou “alimentar o seu filho”. A mãe vê o bebê chorando e interpreta, a partir de seu próprio desejo, de sua própria *falta*, que ele pede alimento, então o nutre.

Essa primeira experiência não é mediada por um desejo do bebê, mas sim pelo desejo materno. Significa dizer que o bebê não demanda exatamente alimento, ou seja, não há uma necessidade real de alimento por parte dele; o que define suas necessidades é o desejo materno; é o desejo da mãe que define as demandas, e é justamente isso que torna impossível ao bebê reviver a originária experiência de satisfação.

Como assinala Lajonquière (2007, p. 156), a suposta satisfação completa vivenciada na experiência originária é mítica; na realidade ela nunca ocorreu, pois o adulto nunca responde incondicionalmente à(s) “demanda”(s) da criança. É o mesmo que dizer que a mãe nunca responde à altura o que o filho lhe pede

(nem na primeira, nem nas seguintes experiências), pois só pode respondê-lo a partir de seu próprio desejo, a partir daquilo que lhe falta a si mesma. Desta forma, podemos dizer que

nunca temos na origem uma Necessidade a partir da qual surja o desejo mas, pelo contrário, temos um desejo a respeito do qual os que nascem já se encontram em posição de objeto (Lajonquière, 1992, p. 157).

No princípio, não há desejo por parte de um bebê e por isso não há necessidades propriamente ditas; há sim um desejo por parte de sua mãe, que é a responsável por definir as necessidades de seu bebê. Chegamos então a uma interessante e importante conclusão, qual seja, a de que o *desejo* é, em essência, causado pelo *desejo* do Outro.

Pois bem, agora retomemos o que vínhamos falando sobre as manifestações sexuais infantis. Com tudo que colocamos, podemos agora entender a importância do *chuchar* para o bebê; a persistência desta atividade tem como intento a repetição daquela vivência mítica de plena saciedade.

Assim segundo Freud, no *chuchar* já podemos encontrar as três características essenciais da manifestação sexual infantil:

Esta nasce apoiando-se numa das funções somáticas vitais, ainda não conhece nenhum objeto sexual [exclusivo]⁸, sendo *autoerótica*, e seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma *zona erógena*. (1905, p. 172).

A atividade de *chuchar* é despertada pela alimentação (**uma função vital**) sem, no entanto, ser esse seu objetivo central. A boca da criança passa a ser mais que um órgão para a alimentação transformando-se numa **zona erógena** já que sua estimulação proporciona prazer à criança. A satisfação

⁸ Embora nesta parte do “Segundo Ensaio” Freud afirme que na atividade de chuchar o bebê não conhece nenhum objeto sexual; entendemos que o seio materno (ou seu substituto) seja o primeiro de seus objetos sexuais. Na conferência “A vida sexual dos seres humanos” (1915-1916, p. 319) Freud assinala justamente isso ao apontar que o chuchar “importa em fazer o seio materno como primeiro objeto da pulsão sexual”. Assim, a diferença entre o que é dito em um e outro texto por Freud nos levou a considerar que, na verdade, o bebê teria sim um objeto, mas este não pode ser considerado exclusivo. A nossa opção por especificar *objeto sexual* seguido de *exclusivo* vem ao encontro do exposto, mas se justifica também pela ideia do próprio *chuchar*, já que nele a criança, além do seio materno busca partes de seu próprio corpo para sugar. Dito de outro modo, a criança buscará a obtenção de prazer, parte num objeto externo (o seio materno) e parte em seu próprio corpo, daí a ideia de que ela não tenha um objeto sexual exclusivo no início de sua vida sexual.

desse prazer - o alvo sexual de toda manifestação sexual, impulsiona a criança a *chuchar* outras partes de seu próprio corpo (**autoerotismo**).

Ainda no Segundo Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade Freud definirá cada um desses termos acima destacados:

A pulsão não está dirigida para outra pessoa; satisfaz-se no próprio corpo, é autoerótica. (1905, p. 170).

Isso pode ser entendido da seguinte forma: como o bebê é imaturo física e psiquicamente, e por isso depende de um adulto para sobreviver, ele não tem condições de dominar um objeto exclusivo do mundo, fixa-se então em seu próprio corpo. Além disso, na impossibilidade real de o bebê estar, a todo o momento, chuchando o seio materno, ou ainda em função da própria atividade de chuchar, que o leva a outras partes do corpo, ele acaba perscrutando o próprio corpo em busca de prazer. Ao escolher seu corpo como objeto sexual ele não precisa do consentimento do mundo externo (o qual ele ainda não pode dominar) para obter prazer.

[A zona erógena] trata-se de uma parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade (1905, p. 172).

Vemos que a caracterização de uma zona erógena está ligada à estimulação de alguma parte do corpo. Freud coloca que uma zona erógena pode ser qualquer parte do corpo, embora ressalte que algumas delas, como por exemplo, a língua, a boca, mamilos e genitália, sejam mais propícias a serem erógenas, isto é, a produzir prazer quando estimuladas.

O alvo sexual da pulsão infantil consiste em provocar a satisfação mediante a estimulação apropriada da zona erógena [...]. Essa satisfação deve ter sido vivenciada antes para que reste daí uma necessidade de repeti-la. (1905, p. 173)

Portanto, o alvo sexual infantil, aliás, o alvo de toda pulsão, como colocado no Cap.1, é sempre a satisfação. A resolução de uma tensão desprazerosa faz o bebê experimentar uma grande satisfação (pensemos na mãe que na amamentação tira o recém-nascido daquele desamparo inicial), e, por conseguinte, gera nele a necessidade de novas vivências de prazer, sempre na tentativa de reviver a primeira grande experiência. Depois disso, a

busca de satisfação vem justamente da necessidade de diminuir ou eliminar um estado de tensão que provoca desprazer. É isso o que vem assegurar as manifestações sexuais infantis; que a tensão seja diminuída ou eliminada.

Para Freud, a micção, a masturbação, a defecação, o olhar, o exibir-se e a crueldade devem ser entendidos também como atividade sexual, como manifestações da sexualidade das crianças justamente por também visarem o prazer.

A micção e também os cuidados higiênicos dispensados à criança por seu “cuidador” provocam a excitabilidade da zona genital fazendo a criança experimentar algo mais: um grande prazer. Esta estimulação inevitável da parte genital pela micção, assim como pelos cuidados higiênicos, leva as crianças à masturbação, já que passam elas, de forma espontânea, a friccionar seus genitais na busca da repetição da sensação prazerosa obtida anteriormente.

Freud ainda coloca que a criança provoca intencionalmente a retenção das fezes também para obter prazer. Afirma que a passagem das fezes pelo ânus, por seu acúmulo intencional, provoca uma intensificação da estimulação da mucosa anal produzindo um *plus* de prazer. Isto explicaria o fato da criança não defecar quando exige seu “cuidador”, mas quando ela deseja; estando assim interessada em reservar para si o prazer daquele momento.

Porém, é importante pontuar que para além do *prazer de órgão*⁹, ao que não podemos unicamente aceder, por imputar numa redução da sexualidade infantil, existe uma relação de “*poder / desejo*” que se estabelece entre essa criança e sua mãe – o outro “cuidador”. Assim, quando ela retém as fezes não está somente zelando por um *prazer de órgão*, mas também se negando a dar ao outro o que este lhe pede. Este é um importante movimento da criança que visa transgredir o desejo desse Outro primordial – a mãe. Reter as fezes não é simploriamente reter as fezes! É também fazer valer o desejo de ter o outro como objeto, isto é, fazer valer um desejo de posse.

Freud também aponta que as crianças têm prazer em olhar os genitais de outras pessoas ou em exibir os seus. Ou ainda que elas sentem prazer em crueldades sobre outras pessoas; sobre os animais; sobre objetos. Outra vez,

⁹ Modalidade de prazer que caracteriza a satisfação auto-erótica das pulsões parciais: a excitação de uma zona erógena acha o seu apaziguamento no próprio lugar em que se produz, independentemente, da satisfação das outras zonas e sem relação direta com a realização de uma função (Laplanche e Pontalis, 1967, p. 446).

não é simplesmente ‘o prazer pelo prazer’, é também um prazer pela dominação. A criança busca exercer seu poder sobre esse *outro* que tanto a domina, que tanto interdita seus quereres dizendo-lhe: não!

Vale agora uma ressalva. Apesar de a sexualidade infantil ser essencialmente erógena, isto é, satisfazer-se no próprio corpo, ela não deixa de exhibir, desde cedo, forças pulsionais que impulsionam a criança a tomar os *outros* (pessoas) como *objeto*¹⁰. Isso indica que está em ação o circuito pulsional e que a criança está tomada pelo *Desejo*.

Tomar outras pessoas, brinquedos, animais como objetos de amor possibilita à criança sair aos poucos de um estado de passividade, onde o outro diz o que ela deve ou não deve fazer, para um movimento de atividade, onde ela tentará impor seus desejos. Neste movimento ela está nada mais nada mais menos que buscando aquele objeto que miticamente tamponou sua *falta*, ou melhor, ela busca “(re)encontrar” o mítico objeto (que por sua falta, é exatamente) causa do (seu) desejo: “A coisa” (*das Ding*), o “objeto a”.

Mas lembremos, não importa tanto se o objeto é uma parte do próprio corpo ou outro corpo; ele é sempre contingente. Como vimos no primeiro capítulo, a pulsão, cujo fim é a satisfação, revela-se desde cedo uma ativa “buscadora de objetos”.

Este circuito de atividade da pulsão foi aberto em função da vivência originária de satisfação completa; aberto então pelo desejo e sempre reaberto por sua realização. Em outras palavras, é o desejo, na exata medida em que ele nunca é satisfeito, que reabre o circuito pulsional: a eterna busca do sujeito por objetos “mais ou menos terrenos” (Lajonquière, 1992, p. 159), na tentativa de reencontrar àquele (miticamente) satisfatório e perdido na experiência originária.

Pois bem, se o desejo abre o circuito da pulsão, e este, por sua vez, abre a busca por objetos, é o Outro quem possibilita tudo isso. Conclusão: um bebê só se constitui no campo do Outro.

¹⁰ Freud salienta na Quarta das “Cinco lições de psicanálise” (1910[1909], p. 55) que: “Ao lado dessas e outras atividades auto-erótica revelam-se, muito cedo, na criança, aquelas pulsões parciais da pulsão sexual ou, se preferirmos dizer, da libido, que pressupõem como objeto uma pessoa estranha. Estas pulsões parciais aparecem em grupos de dois, um oposto ao outro, ativo e passivo: cito-lhes como mais notáveis representantes deste grupo o prazer de causar sofrimento (sadismo) com o seu reverso passivo (masoquismo) e o prazer visual, ativo ou passivo.

Assim, para que uma criança chegue a ser *sujeito* deve, necessariamente, haver um Outro que a *deseje*, a ponto de a *pulsionar* adiante, isto é, deve existir alguém que lhe dê sustentação. Dito de outro modo, é o Outro que, com seu desejo, *pulsiona* a criança a viver, a manter-se na vida e a avançar nela. É nesse sentido que, no Cap.1, foi posto que o responsável por pilotar a pulsão é o Outro. Nas palavras de Lajonquière, “as pulsões, que perambulam tão silenciosas como infatigáveis no sujeito, são o efeito do pulsionar do Outro” (2007, p. 159).

Pois bem, façamos agora um parêntesis para tentar nos aproximarmos um pouco do significado do pulsionar (do desejo) do Outro no sujeito. Esse pulsionar já foi referido anteriormente como *circuito pulsional* ou *circuito da pulsão*, falemos a partir de agora nestes termos.

2.3 OLHAR: metáfora do Desejo

Pra início, pontuemos que numa perspectiva psicanalítica o Sujeito não se desenvolve, mas se constitui. A psicanálise não compactua com a ideia de que haveria na origem de todas as pessoas um germe de sujeito pronto a desenvolver-se como tal; de que, pelo simples fato de se ter nascido à vida, uma pessoa naturalmente se tornará um sujeito. Pelo contrário, em nossa perspectiva, sujeitos não maturam, não se desenvolvem, mas são constituídos por um obrigatório assujeitamento à linguagem e ao (desejo do) Outro:

Não só antes de falar e de caminhar, mas antes mesmo de nascer empiricamente à vida, o sujeito já é objeto do discurso, do desejo e das fantasias de seus genitores que, por sua vez, são sujeitos assujeitados às estruturas linguísticas, psicanalíticas e histórico-sociais (Lajonquière, 1992, p. 151).

Nesse sentido, o que dá lugar a uma criança no mundo é a mirada dos *outros* sobre ela. O olhar é a simbologia do desejo dos pais sobre os filhos. A criança, no princípio, se agarrará (alienará) no olhar da mãe para ocupar um lugar no mundo, pra fazer-se sujeito.

Na constituição do sujeito o olhar não remete a um dos quatro sentidos propriamente dito, mas é, antes de tudo, uma metáfora para o desejo, para isto que nos edifica como *Sujeito do Desejo*. É o olhar do Outro enquanto linguagem que nos constitui como sujeitos.

É importante insistirmos nisso: é o desejo do Outro que faz um organismo deixar de sê-lo para ser um sujeito. Então, se é o desejo desse Outro que torna alguém *sujeito do desejo*, dizemos que o desejo que habitará este sujeito, no limite, nunca é dele mesmo, é sempre do Outro; daí dizer que uma pessoa é sempre *sujeito do desejo* do Outro e que seu desejo maior é ser desejado por esse Outro.

Um bebê só pode saber de si pelo outro. Se a mãe não lhe enuncia “Tu és meu filho”, não há como um principiante “*não ser*” tornar-se um “ser”. É através da mãe que o bebê (este *não ser*) poderá formar uma imagem de si e então formar-se sujeito. O bebê se vê no olhar da mãe.

Na teoria psicanalítica a constituição do sujeito se dá por meio de duas “encruzilhadas lógicas”: O “Estádio do Espelho” (Lacan)¹¹ e o “Complexo de Édipo. Falemos do primeiro deles, onde se dá o início de todo o enlaçamento pulsional que fará alguém advir sujeito.

De forma sucinta, podemos entender o *estádio do espelho* como um “momento” em que graças à presença da mãe, o bebê tem a chance de sair de um estado de indiferenciação (onde só há dados dispersos ainda não organizados) e passar a um estado de unificação corporal.

Simone Kubric¹² descreve da seguinte forma o estádio do espelho:

Em um primeiro momento, ao ver seu próprio reflexo a criança pequena acredita que se trata de um outro real; em um segundo momento, a criança descobre que o outro do espelho não é real, mas uma imagem; só em um terceiro momento a criança se reconhece, isto é, identifica a imagem que vê como a própria imagem e conquista a representação do corpo como unidade [momento no qual se jubila com a própria imagem] (2007, p. 92).

O estádio do espelho possibilita estruturalmente a formação de uma imagem especular, que consiste no fato de que o bebê, graças ao efeito do

¹¹O Estádio do espelho de Lacan não deve ser entendido como uma fase e nem exatamente como uma real vivência que ocorreria de fato em frente a um espelho também real, mas deve ser visto como uma “encruzilhada estrutural” (Lacan) da subjetividade. A mãe funcionaria como uma espécie de espelho no qual o bebê vê refletida sua imagem, ou melhor, os olhos da mãe são o próprio espelho. Conforme Lajonquière (2007, p. 164). “trata-se de um processo de identificação que possibilita ao sujeito funcionar como Um num sistema de intercâmbios com a mãe, o pai, ou, simplesmente, os outros (os intercâmbios têm lugar no seio do Outro)”.

¹² KUBRIC, Simone. *O infantil além dos princípios (psico)pedagógicos: conceitos da psicanálise para uma reflexão sobre a educação / orientação* Leandro de Lajonquière. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007. (Dissertação de Mestrado).

olhar materno (metaforizado pelo espelho), se reconhece jubilarmente na imagem especular que lhe propõe, como sua, a mãe. É o mesmo dizer que é através da imagem especular, proposta e ratificada pelo outro, que o bebê passa a ter uma imagem totalizante de seu corpo e poderá se reconhecer como *Eu-especular*, podendo a partir daí ter consciência de si, de seu corpo.

Dito de outra forma, a mãe, trocando, alimentando, acarinhando (isto é, erogenizando o corpo do filho), e principalmente falando com ele, inserindo-o no mundo da linguagem, vai lhe dizer que aquele (ele) que está a sua frente, a quem ela se endereça como o “neném bonitinho da mamãe” é seu objeto mais precioso porque objeto de seu desejo. O pequeno corpo, ainda puro caos de excitação, ainda num estado de indiferenciação, escuta atentamente essa mãe e aos poucos começa a se identificar, a se reconhecer naquilo que ela lhe diz, isto é, aliena-se a sua fala. Trata-se aí da formação de uma imagem especular, de onde derivará um *Eu*, um *eu* alienado ao desejo materno.

Então, quando falamos da “presença” da mãe, “trata-se aqui de distinguir a questão do olhar e a da visão” (Laznik-Penot, 1991, p. 32), já que falamos do efeito de seu olhar (de seu falar) sobre o filho. “Trata-se aqui do olhar no sentido da presença; o olho sendo o signo de um investimento libidinal” (Idem).

É, portanto, mais que uma presença física, é, antes, a presença de um olhar investido de libido. Ou seja, não basta que a mãe esteja presente apenas para nutrir seu filho com alimento ou zelar pela satisfação de suas necessidades fisiológicas, é necessário que ela (através de seu desejo) invista libido (vida) neste pequenino corpo (ainda puro organismo).

É a mãe nutrindo seu filho de libido, esse alimento que vai *pulsioná-lo* à frente, o que vai possibilitar que ele deixe de ser um puro organismo e possa ir se modelando um corpo, unificando-se. A libido é a energia das pulsões sexuais, é aquilo que força (dá forças) ao enlaçamento pulsional: às condições mesmas da satisfação pulsional.

Para entendermos um pouco mais como se dá o enlaçamento pulsional seguiremos considerações de Laznik-Penot apresentadas nos seguintes textos: “Do fracasso da instauração da imagem do corpo ao fracasso da instauração do circuito pulsional: quando a alienação faz falta” (1991) e “Por uma teoria lacaniana das Pulsões” (1997).

Pensar o enlaçamento pulsional, isto é, o circuito da pulsão, implica pensar a questão mesma da satisfação pulsional, de seu percurso ao alvo. Segundo a autora “a satisfação da pulsão não é outra coisa que a execução de um trajeto em forma de circuito que vem se enlaçar sobre o ponto de partida” (1991, p. 42). Entendamos.

O circuito pulsional é cíclico. A pulsão se movimenta em círculo, pois do mesmo modo que ela inicia seu percurso numa *fonte* corporal excitada (e por apoio às funções fisiológicas); para encerrar seu circuito é para o corpo que ela retorna, isto é, ela “encerra” seu circuito buscando como objeto outra fonte corporal que possa satisfazê-la.

Mas quem possibilita o início desse circuito pulsional? Quem possibilita a busca de objetos, nos quais ou através dos quais a pulsão terá alguma satisfação? Bem, no Cap.1, vimos que a pulsão é pilotada pelos outros.

Pois bem, Laznik-Penot destaca que Freud “trabalha essa questão do circuito pulsional a partir do sadismo-masochismo e da pulsão escópica do voyeurismo-exibicionismo” (2007, p. 214). Informa também que é no texto “Pulsão e Destinos da Pulsão” (1915) que Freud apontará que a instalação do enlaçamento pulsional se dá em três tempos.

Em seus textos, a autora nos apresenta uma leitura lacaniana da instauração do circuito pulsional, por isso coloca que no *Seminário XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1964) Lacan se dedica a trabalhar detalhadamente o circuito pulsional, descrito por Freud, no entanto, introduzindo a noção do “*surgimento do sujeito da pulsão*” (2007, p. 214).

Indica Laznik-Penot que o surgimento do sujeito da pulsão parte da conceitualização que Lacan faz da *pulsão*. Para ele a *pulsão*

não é mais um conceito de articulação entre o biológico e o psíquico mas sobretudo um conceito que articula o significante e o corpo. Porém esse corpo não é organismo, é uma construção que implica uma imagem totalizante, *i(a)*, em cuja composição o olhar do Outro desempenha um papel importante (Laznik-Penot, 2007, p. 214).

Nas considerações que fizemos sobre o estágio do espelho vimos surgir algo nomeado como Eu-especular. Pois bem, esse Eu-especular pode aqui ser entendido como um sujeito resultante de uma articulação entre a alienação ao

Outro (na linguagem) e o circuito pulsional (pulsão) já que Lacan articula linguagem e corpo. Segundo ele,

Esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no momento em que a pulsão pode fechar seu curso circular. É somente com a sua aparição ao nível do outro que pode ser realizado o que é da função da pulsão. (cf. Laznik-Penot, 1997, p. 215).

Isto é, para que se chegue ao que é da função da pulsão, o agora então sujeito deve poder colocar-se ao nível do outro como objeto (do desejo do Outro). É nesse sentido que Freud menciona três tempos na instauração do circuito da pulsão:

Um primeiro ativo indo em direção a um objeto externo, um segundo reflexivo tomando como objeto uma parte do corpo próprio, e um terceiro, dito passivo, onde a pessoa concernida se faz ela mesma o objeto de um outro (Laznik-Penot, 1991, p. 43-44).

É somente assujeitado ao outro, isto é, sujeito ao que o outro diz sobre ele e para ele, que um bebê poderá aceder ao campo do Outro como um primeiro sujeito. Mas para que advenha aquele sujeito que poderá enunciar-se por si, é necessário que aquele bebê no início tão apegado, agarrado à mãe, dela se separe.

Grosseiramente podemos entender que o desejo do bebê é continuar sendo objeto de desejo da mãe. O pai, então, deve entrar nessa relação dual (mãe-bebê) para interditá-la. É isso que ele faz ao enunciar com gestos e palavras que a mãe lhe pertence, isto é, que a mãe é o objeto de desejo dele (do pai) e que o pai é objeto de desejo da mãe; assim, impõe ao filho e à mãe a lei máxima da interdição: A lei universal da proibição do incesto, a lei organizadora do *Desejo*.

É precisamente esta lei que abrirá outra vez o circuito da pulsão, já que através dela, a criança, agora sujeito, é lançada ao mundo, onde deverá buscar os objetos que venham a satisfazer suas pulsões. Porém, sabemos que uma das qualidades da pulsão é a não satisfação, pois não há um objeto que venha a satisfazê-la completamente; fato que reabre eternamente o circuito da pulsão “buscadora de objetos”.

Pois bem, para concluir nossas considerações a respeito do circuito pulsional, queremos recorrer ao texto de Simone Kubric (2007), que traz e explica algumas palavras de Freud quanto à impossibilidade da satisfação da pulsão:

O aspecto da impossibilidade da satisfação absoluta fica claro ao longo do artigo metapsicológico de 1915, no qual Freud declara que a pulsão “jamais atua como uma força que imprime um impacto momentâneo, mas como um impacto constante” (1915a, p. 124) e que a satisfação da pulsão “só pode ser obtida eliminando-se o estado de estimulação na fonte da pulsão” (p. 128). Isto é, se a força da pulsão é constante e se sua fonte é endógena, não haveria como eliminar de forma completa sua estimulação, a não ser com a aniquilação do organismo, ou seja, com a morte. Por isso a satisfação nunca pode ser total, sendo sempre parcial (2007, p. 27).

Assim, como a satisfação total da pulsão só seria possível com a morte, só estando vivos, e não só, mas investidos pelos Outros, é que podemos desejar¹³. A pulsão buscará sempre a sonhada satisfação completa, no entanto só se satisfará parcialmente: a partir de diferentes fontes pulsionais, de diferentes maneiras e com diferentes objetos. Eis aí o caráter errático da pulsão: ela vagueia (erra) por fontes e objetos, em busca de seu alvo: satisfação. Por obter prazer de diversas formas e através de objetos também diversos, a pulsão sexual é nomeada perverso-polimorfa.

Esse caráter perverso-polimorfo é a maior característica da sexualidade, pois, seja na infância, na vida adulta, ou na velhice, o que quer a pulsão sexual é satisfazer-se. Isso nos faz pensar que talvez não exista uma sexualidade adulta, maturada e completa, já que o caráter errante da pulsão se apresenta em qualquer momento da vida sexual do ser humano.

Essa ideia nos leva a acompanhar a conclusão de Simone Kubric quando aponta que “numa perspectiva psicanalítica, não devemos perguntar “O que é a sexualidade infantil”, mas sim “O que há de infantil na sexualidade?” (2007, p. 27).

Segundo Kubric, embora não haja em Freud um texto que se detenha especificamente a precisar o sentido do *infantil*, ao longo de sua obra, esse

¹³ Ressaltamos que somente cuidados funcionais não levam alguém a desejar; um bebê deve ser investido pelo Olhar da mãe, ou melhor, ele deve ser desejado pelos outros, para que advenha nele um sujeito (do Desejo). Laznik-Penot (1991) deixa bastante claro em seu artigo que em casos de autismo ocorre uma falha nesse investimento primordial, o que dificulta e por vezes impossibilita que algum sujeito advenha.

conceito aparece vinculado, entre outras, às noções de sexualidade, de neurose, de desejo e de trauma, ela sublinha, no entanto, que há uma constante entorno do conceito:

“desde os primeiros escritos psicanalíticos o infantil esteve atrelado à questão da satisfação pulsional, ou melhor, à problemática da impossibilidade de uma satisfação total, sem restos”.

Assim, podemos dizer que aquilo que há de infantil na sexualidade se repete na forma de uma busca pela satisfação, de uma repetição. A pulsão sexual busca realizar-se completamente nas mais variadas experiências de prazer. Como vimos, ela sempre se frustra e deixa um rastro – o desejo.

Pelo exposto, soubemos a grosso o que há de infantil na sexualidade. No entanto, resta-nos agora entender porque não perguntar pelo que é a sexualidade infantil. Não é assim intitulado o Segundo dos Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade?

Pois bem, Freud ao intitular seu texto “A sexualidade infantil” não está com isso apenas indicando que as crianças têm atividade sexual, ou seja, a existência da sexualidade na infância, mas está também caracterizando a própria sexualidade humana.

Assim, *infantil* não é exatamente e somente um atributo da sexualidade das crianças, mas uma marca da sexualidade como um todo, o *infantil* se repete independentemente das etapas da vida em que a sexualidade se manifesta. Conclusão: a sexualidade é perverso-polimorfa e sempre infantil.

Se por um lado, o título de nossa pesquisa contempla parte da conclusão acima, pois já anuncia que a sexualidade é infantil: “A sexualidade infantil e o desejo de saber: a origem da atividade intelectual nas crianças”, por outro, contempla também o outro sentido atribuído ao *infantil*, qual seja a existência da pulsão sexual nas crianças, na infância de todos os homens.

E como esta pesquisa busca entender se existe alguma relação entre sexualidade e curiosidade infantil, foi importante discutir o que é a sexualidade do ponto de vista da psicanálise, como ela se manifesta nos adultos e nas crianças e como se dá o enlaçamento pulsional.

Enfim, até este momento, nós adultos, teorizamos sobre a sexualidade humana, ou seja, adultos olhando como se manifesta a sexualidade em adultos e em crianças. Interessa-nos agora, saber como as crianças entendem e teorizam sobre a sexualidade dos adultos e sobre a sua própria sexualidade.

Pois bem, para avançar um pouco mais em nosso trabalho de pesquisa, nos ocupemos, portanto, daquilo que muito se ocupam as crianças: suas próprias teorias sexuais.

CAPÍTULO 3

AS FABULOSAS TEORIAS SEXUAIS DAS CRIANÇAS

Ninguém saberá de nada: o que sei é tão volátil e quase inexistente que fica entre mim e eu.

Clarice Lispector¹⁴

3.1 A cegonha traz os bebês?

Estou convicto de que nenhuma criança – pelos menos nenhuma que seja mentalmente normal e menos ainda as bem dotadas intelectualmente – pode evitar o interesse pelos problemas do sexo nos anos *anteriores* à puberdade. (1908, p. 191).

Ao falar em “interesse pelos problemas do sexo” Freud se refere a um momento, nomeado por ele de período das investigações sexuais infantis, no qual as crianças, entre os três e cinco anos, elaboram suas próprias teorias acerca da origem dos bebês e, por conseguinte, acerca da sexualidade.

Freud aborda a questão da investigação sexual infantil, especialmente, em cinco de seus textos: *O esclarecimento sexual das crianças* (1907), *As teorias sexuais das crianças* (1908), *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos* (1909), *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância* (1910) e *A investigação sexual infantil* – um capítulo dos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), adicionado somente em 1915.

Estes textos são importantíssimos para a discussão que travaremos a seguir sobre a relação entre as investigações sexuais infantis e o desejo de saber. Por ora, ater-nos-emos, primordialmente, ao segundo deles, passando pelos outros na medida em que avançarmos em nossas reflexões.

Antes, porém, de adentrar as teorias sexuais das crianças, algumas palavras sobre a natureza das “teorias”, ou melhor, algumas indagações. Que seriam teorias? Por que o ser humano teoriza? Haveria alguma necessidade específica por trás das teorizações humanas? Por que os homens têm

¹⁴ LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 20.

predileção por teorizações sobre as coisas do mundo? E as crianças? Por que e em troca de que criam elas suas teorias?

No dicionário *Houaiss* para “teoria” temos: um conjunto de regras ou leis aplicadas a uma área específica; conhecimento especulativo, metódico e organizado de caráter hipotético e sintético; conjunto sistemático de opiniões e ideias sobre um dado tema; construção imaginária, utopia, sonho, fantasia; e ainda, conhecimento sistemático, fundamentado em observações empíricas e/ou postulados racionais, voltado para a formulação de leis e categorias gerais que permitam a ordenação, a classificação minuciosa e, eventualmente, a transformação dos fatos e das realidades da natureza.

Grosso modo, com base nas definições anteriores, podemos atribuir dois sentidos para “teoria” ou “teorizar”, qual seja um conjunto de fundamentos de um determinado campo do saber e/ou algo como um movimento de reflexão que tem o propósito de legitimar suposições, hipóteses e pensamentos sobre um tema ou um questionamento específico.

Em suma, para nossos propósitos, queremos pensar que teorizar seja o mesmo que tentar entender um fato, ou alguns fatos pela via intelectual. Para isso, hipóteses são lançadas e teorias sobre elas criadas. As teorias surgiriam então com o intuito de compreender, elaborar e dominar uma realidade.

Tantas são as teorias... teoria do big bang, teoria da relatividade, teoria da evolução, teoria do conhecimento, teoria psicanalítica e, dentro desta, é claro, as teorias sexuais infantis... Embora ao que concerna aos seus objetos de estudo essas teorias sejam diferentes, a nosso ver, todas apresentam uma única essência: a busca pelo sentido da vida. O ser humano na sua eterna arte de perguntar o porquê, de criar teorias, quer antes de tudo, atribuir um sentido para a sua singular dor de existência, e talvez até, elaborar o seu inevitável fim.

Com as crianças não é nada diferente! Com suas infindáveis perguntas, elas querem antes saber “de onde vieram e para onde vão”, isto é, elas sempre perguntam por sua origem e por seu destino. Suas teorias sexuais são criadas, na esteira de excitações corporais, na tentativa de entender o porquê de sua vinda ao mundo.

Freud, no texto *As teorias sexuais das crianças (1908)*, aponta a chegada de um irmão como fator fundamental para que uma criança se lance em sua pesquisa sobre os problemas da sexualidade. Vejamos:

O desejo da criança por esse tipo de conhecimento [os problemas sexuais] não surge espontaneamente, em consequência talvez de alguma necessidade inata de causas estabelecidas; surge sob o aguilhão de pulsões egoístas que a dominam, quando é surpreendida – talvez ao fim do seu segundo ano – pela chegada de um novo bebê. (1908, p. 193)

Com a chegada de um novo bebê na família a criança perde o lugar de exclusividade que outrora tinha na vida dos pais. Desde então ela terá que dividir tudo com o novato. Muito mais que isso, segundo Freud, esse acontecimento desperta suas emoções e aguça sua capacidade de pensamento, ou seja, ele é responsável por inaugurar a atividade investigativa na criança.

Freud ressalta, porém, que é por uma questão narcísica, por sentir-se preterida no desejo dos pais, que uma criança se lança à grande empreitada da busca pela origem dos bebês. Ela tenta descobrir de onde eles surgem justamente para evitar que outros venham atravancar o seu caminho:

Sob a instigação desses sentimentos e preocupações, a criança começa a refletir sobre o primeiro grande problema da vida e pergunta para si mesma: 'De onde vêm os bebês? – indagação cuja forma original certamente era: 'De onde veio esse bebê intrometido?'. (1908, p. 193-194).

Assim, observa Freud, imbuída de descobrir a origem dos bebês, uma criança, quando não foi demasiadamente intimidada, dirige-se a um adulto – em sua concepção dono de todo saber e verdade – e faz-lhe diretamente a pergunta que não cala. Esta, por sua vez, é respondida de maneira evasiva; a criança é às vezes repreendida por sua curiosidade; ou a ela é dada a explicação de que 'As cegonhas trazem os bebês'¹⁵.

¹⁵ A “teoria” das cegonhas, para explicar a origem dos bebês, é uma típica teoria dos adultos e não das crianças. Queremos pensar um sentido para essa típica teoria através do texto “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância” (1910). Nele, Freud fala que, para a psicanálise, os sonhos nos quais sonhamos estar voando ou sentimo-nos um pássaro são um disfarce para um desejo sexual: “nos sonhos, o desejo de voar representa verdadeiramente a ânsia de ser capaz de realizar o ato sexual” (p.131). Assim, se voar representa o ato sexual, disso deduzimos que o adulto ao dizer às crianças que as cegonhas trazem os bebês, e, portanto, as trazem pelo *voar*, está inconscientemente dizendo que os bebês são feitos pelo ato sexual. Isso nos leva a pensar que a teoria das cegonhas é a forma recalçada que os adultos têm pra dizer às crianças sobre a sexualidade. Depois de nossas considerações a respeito das teorias sexuais infantis, ficará fácil entender, que não só as teorias sexuais criadas pela criança são uma forma de ela driblar a questão da diferença sexual, mas que essa teoria adulta, a das cegonhas, também é uma forma (especialmente velada, “recalçada”) de os adultos lidarem com essa mesma questão: a da castração.

Esta afirmação do adulto transforma-se para a criança em uma interrogação. Ela desconfia disso e interroga-se: As cegonhas trazem mesmo os bebês? – um enigma a ser decifrado em absoluto segredo:

De um grande número de informações que reuni, deduzi que as crianças se recusam a crer na teoria da cegonha e que, a partir dessa primeira decepção, começam a desconfiar dos adultos e suspeitar que estes lhes escondem algo proibido, passando como resultado a manter em segredo suas investigações posteriores. (Freud, 1908, p. 194)

Freud conta que uma criança, ao escutar a explicação dos adultos, fugiu para um lago perto de sua casa no intuito de confirmar se as cegonhas trariam mesmo os bebês. Outra, ouvindo a mesma explicação, logo “revidou-a” dizendo saber que, na verdade, eram as garças e não as cegonhas que traziam os bebês.

Christian Dunker no artigo “Discurso e narrativa na construção do saber sexual” (2005) traz contribuições interessantes que nos permitem pensar essa desconfiança para com os adultos como uma possibilidade de inauguração da criança na posição de autor de um discurso.

Tomamos aqui *discurso* como a apropriação por parte da criança de uma rede sócio-simbólica, isto é, a criança toma para si a língua e com ela age, se faz agente de um discurso (2005, p. 144). Ou seja, a criança por desconfiar do que lhe diz o adulto, cria para si, suas próprias teorias. Assim,

a criança não é apenas agente deste discurso, no sentido de ocupá-lo como um personagem, nem como ator, mas fundamentalmente como autor. Para tanto ela precisa duvidar do Outro, reconhecê-lo como alguém que não é simplesmente uma figura caridosa interessada em lhe transmitir saber. Ou seja, essa experiência primária do “adulto enganador” permite uma descoberta crucial: há saberes verdadeiros e outros falsos, saber e verdade estão separados (Dunker, 2005, p. 147).

Importante observar que a criança se torna agente de seu próprio discurso suspeitando do discurso do adulto. Conforme Dunker,

a criança confronta o discurso do adulto em uma investigação própria, onde suas cartas não serão mostradas ao adversário. (...) Uma investigação da qual ela se faz agente justamente pela exclusão do Outro. Daí a estreita ligação entre a aparição das teorias sexuais infantis e a criação de narrativas pela própria criança, que inicialmente as reproduz a partir da fala dos adultos (Dunker, 2005, p. 148).

Vemos nessa situação – a confrontação, a desconfiança – um movimento semelhante ao da chegada do novo bebê. Também naquela situação a criança age por uma suspeita, a de que novos bebês podem chegar, o que representa uma ameaça pra ela. E como se isso não bastasse, ao fazer a pergunta enigmática aos pais, rápido ela percebe que se insistir nesse algo que não pode ser dito, sua existência de novo estará ameaçada, o que a leva a manter suas pesquisas em segredo.

A ligação entre uma e outra situação está no fato de que, em ambas, a criança quer saber a verdade sobre a origem dos bebês para garantir seu lugar no desejo dos pais, pois desconfia que possa perdê-lo.

Na citação anterior, vimos que Christian Dunker aponta uma íntima ligação entre o surgimento das teorias sexuais infantis e a criação de narrativas pela criança. Conforme o autor, as teorias sexuais infantis – as primeiras narrativas das quais uma criança é autora – são uma forma de a criança apreender a sexualidade, quer dizer, se haver com o próprio desejo.

O objetivo dessas teorias recai sobre a tentativa de compreensão, elaboração e, sobretudo, dominação de uma realidade sexual – a que a criança está exposta desde seus primeiros contatos com a mãe (a responsável por erogenizar seu corpo, apresentando-lhe a sexualidade e o desejo).

Assim, uma criança, para criar suas teorias ou narrativas sexuais, além de levar em conta a chegada de um novo bebê e a descoberta de um adulto enganador, ela se pautará também em sensações corporais provocadas pelo contato com o outro, isto é, se orientará por aquilo que ouve e observa do mundo dos adultos.

Pelo exposto, podemos dizer ainda que a criança teoriza, constrói suas narrativas e fantasias, acima de tudo, para tentar ordenar e estabilizar o desejo. Teorizar para uma criança é uma maneira de posicionar-se diante do desejo: um sujeito posicionando-se diante de seu próprio desejo de saber sobre o desejo. Assim, é do *desejo* que se trata quando uma criança quer saber sobre as origens. De acordo com Christian Dunker,

o que interessa à criança não é saber como “um ser abstrato fecunda outro originando um terceiro”, mas qual é a determinação desejante que sustenta tal enlace. Em outras palavras o enigma

radical do desejo, da origem do desejo deste por aquele (Dunker, 2005, p. 146).

Podemos completar a ideia de Christian com o que traz Rinaldo Voltolini no artigo “Pensar é desejar” (2006):

Para Freud, o combustível dessa interrogação, e ao mesmo tempo aquilo que justifica seu alvo, é a constatação de que a “origem da vida” (enigma que persistirá sendo uma questão eterna para o ser humano) não foi produto de sua vontade ou de sua escolha, mas antes do desejo de alguém. (Voltolini, 2006, p. 43).

Vemos então que o que está em xeque na pergunta da origem é exatamente saber sobre a origem do desejo. A criança, em função da chegada do irmão, descobre que veio ao mundo pois alguém desejou, constatando, portanto, que “sua vontade não é reguladora do movimento do mundo” (Dunker, 2006, p. 45), ou seja, o mundo não gira em função de seus desejos. Logo, pensaria ela, “se não sou eu quem controla, também não controlo o desejo dos meus pais, logo estes podem deixar de me desejar”. Isso certamente desmonta o mundo da criança. O que a desbanca é descobrir-se castrada – não poder tudo, não poder controlar o desejo, o seu e o dos outros.

Intimamente ligado a isto – ao tema da castração – está a figura do *irmão* e por extensão, a do *adulto enganador*, pensemos um pouco sobre eles.

Freud aponta a chegada de um irmão como o acontecimento desencadeador da investigação sexual infantil, momento no qual a criança começa a criar intelectualmente suas teorias. Christian Dunker afirma que “para instalar sua própria investigação a criança precisa supor e sustentar esta descoberta crucial: os adultos mentem” (2005, p. 146). Algo une esses dois “personagens” – irmão e adulto enganador.

Kupfer questiona, em sua tese “Desejo de Saber (1990, p. 35-36), se é possível considerar que uma atividade tão importante como a investigação esteja atrelada a um fato tão fortuito como o nascimento de um irmão. E ela aponta algo revelador: que Freud, ao atribuir tamanha importância à chegada de um irmão, está, na verdade, introduzindo em sua teoria o tema da castração. Parece ser que o “papel” do irmão, na teoria freudiana, seja o de prenciar a castração, já que sua entrada em cena introduz um terceiro na relação dual mãe-bebê, desestabilizando-a.

A autora esclarece ainda a natureza dessa castração. O irmão representaria uma castração imaginária e não simbólica como efetivamente figura o pai, no momento edípico, ao trazer consigo a lei – a proibição do incesto. A entrada do irmão faz com que a criança, antes única no desejo materno, seja desalojada de seu antigo lugar. A conclusão de Kupfer é que:

não é necessário, portanto, falar da entrada de um irmão. Basta falar de qualquer terceiro que venha a desestabilizar a antiga posição de uma criança. E entrada de terceiros haverá sempre, mesmo que essa criança seja filho único. Basta que se trate de um terceiro com suficiente força para atrair o desejo inconsciente da mãe (1980, p. 37-38).

O “adulto enganador”, que Christian traz, não faz a vez de um terceiro, mas como ele também representa a castração. Entendamos. Ao desconfiarem que os adultos não lhes dizem a verdade sobre a origem dos bebês, as crianças estariam também entrando em contato com a castração pois, no fundo, elas supõem que os adultos sabem, mas que lhes escondem a verdade. O fato é que, verdadeiramente, os adultos nada sabem sobre o desejo. Relembremos: a pergunta das origens incide justamente nisso – saber sobre o desejo que nos anima, e isso é impossível a todos.

Os adultos sabem que a “união genital dos sexos” gera os filhos, mas, como vimos, não é sobre isso que perguntam as crianças. Elas perguntam sobre o porquê os pais a desejaram, e isso, de fato, os pais não podem saber, pois se trata de saber sobre o desejo, sobre aquilo que nos falta, sobre o que supostamente completaria essa falta. Assim, conforme o autor, as crianças se lançam às suas investigações, suportando e sustentando a descoberta de que seus pais não sabem de tudo, não podem tudo, isto é, não possuem o *Falo*¹⁶, também são castrados.

Passemos, enfim, às teorias formuladas pelas crianças na tentativa de resolver o grande enigma da origem dos bebês. Estudemos as três principais: a *premissa universal do pênis*, a *teoria cloacal do nascimento* e a *concepção*

¹⁶ Entendamos o *Falo* como o *Significante da falta*, segundo Jacques Lacan. O *Falo* seria um objeto que imaginariamente taparia a nossa falta, seria o objeto certo que nos completaria, algo que daria completude ao nosso desejo, ou seja, esse objeto não existe. Adiante falaremos da *Premissa Universal do Pênis* e do *Complexo de Castração*, que remetem à questão do *Falo*, e isso ficará mais claro.

sádica do coito. Embora existam outras teorias, podemos dizer que todas elas são extensão dessas três. Vejamos.

Freud coloca que:

se pudéssemos despojar-nos de nossa exigência corpórea e observar as coisas da terra com uma nova perspectiva, como seres puramente pensantes, de outro planeta, por exemplo, talvez nada despertasse tanto a nossa atenção como o fato da existência de dois sexos entre os seres humanos, que, embora tão semelhantes em outros aspectos, assinalam suas diferenças com sinais externos muito óbvios. (1908, p. 193).

Neste trecho do texto “Sobre as teorias sexuais das crianças” (1908), Freud revela a primeira e talvez a mais intrigante das teorias sexuais infantis, qual seja a de que homens e mulheres são dotados de um pênis. Esta teoria é bastante significativa por dois motivos: primeiro porque traz a tona o desconhecimento pelas crianças da diferença sexual e, segundo, porque traz em seu bojo o tema da castração, digamos desde já, a base de todas as teorias sexuais criadas pelas crianças.

Se para os adultos, como coloca Freud, a diferença entre os sexos é facilmente percebida por “seus sinais externos óbvios”, para as crianças não podemos dizer o mesmo. Pelos menos inicialmente, a diferença anatômica não é levada em conta por elas, meninos e meninas não conseguem reconhecê-la.

É bastante curiosa essa primeira teoria, já que não só os meninos, mas também as meninas têm essa fabulosa crença da existência de um só órgão genital e de natureza masculina. Freud diz que o menino atribui um valor altamente narcísico para o pênis, valor também nutrido pela menina:

[...] já na infância, o pênis é a principal zona erógena e o mais importante objeto sexual autoerótico. O alto valor que o menino lhe concede reflete-se naturalmente em sua incapacidade de imaginar uma pessoa semelhante a ele que seja desprovida desse constituinte essencial. [...]. O menino, no qual dominam principalmente as excitações do pênis, costuma obter prazer estimulando esse órgão com a mão. Seus pais e sua ama o surpreendem nesse ato e o intimidam com a ameaça de cortar-lhe o pênis (Freud, 1908, p. 196).

[...] esse pequeno pênis [o clitóris], que não aumenta de tamanho, comporta-se na realidade, durante a infância, como um genuíno pênis – torna-se a sede de excitações que fazem com que ele seja tocado [...] as meninas compartilham plenamente a opinião que seus irmãos têm do pênis. Elas desenvolvem um vivo interesse por essa parte do corpo masculino, interesse que é logo seguido pela inveja. As meninas julgam-se prejudicadas e tentam urinar na postura que é

possível para os meninos porque possuem um pênis grande (Freud, 1908, p. 197).

Freud fala que o menino, ao ver pela primeira vez o órgão sexual feminino, ou ao desconfiar que alguma coisa seja diferente na menina, opta por “falsear uma percepção” dizendo que “o dela ainda é muito pequeno mas que vai crescer”, ou seja, não há dúvidas de que a menina também tenha um pênis!

Freud chama a atenção para o fato de que, no momento desta “constatação”, o menino não se refere a uma ausência de pênis na menina, mas, antes, prefere nada ver ou tomar o clitóris como um pequeno pênis que ainda vai crescer (1908, p. 196), ou seja, para ele não há falta de pênis nela.

É somente num segundo momento, à luz de uma ameaça de castração, que o menino resignificará aquela visão do órgão sexual feminino, entendendo-o como um órgão por excelência castrado, mutilado. Mais uma vez, no entanto, ele negará a diferença pois concluirá que a menina teve sim um pênis, mas que o perdeu. Para ele, essa “ausência de pênis” é a prova de que ele também poderá perder seu membro adorado a exemplo da menina, caso ele não pare de se masturbar como reivindicam seus pais e/ou cuidadores. Assim ele passa a sofrer de uma angústia de castração.

Como coloca Freud, a menina também confere à genitália masculina um grande valor. Acrescenta ainda que, anatomicamente, o clitóris equivale ao pênis. Porém, podemos questionar se, de fato, a menina toma seu clitóris como um pequeno pênis, pois ao ver o órgão do irmão, compara-o ao seu e logo percebe que “o seu” não se trata de um pênis genuíno que “um dia vai crescer”. Assim, ela cai vítima da inveja do pênis: cobiça o pênis do irmão (ou do companheiro de brinquedo) e almeja ter um tão grande quanto o dele.

Interessante notar que, conforme pensa o menino, no início, nada falta, pois todos têm um pênis igual ou semelhante ao seu. Já para a menina, parece haver uma falta desde o início. O menino não se refere à ausência de pênis ao ver o órgão sexual da menina. Esta, porém, na mesma situação, parece notar que existe algo diferente aí, isto é, verdadeiramente lhe falta um pênis.

Cabe ressaltar que embora meninos e meninas acreditem na premissa de um só sexo, é de forma diferente que eles se deparam com a distinção anatômica sexual. Freud ratifica essa ideia no texto “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos” (1925) quando diz que o

menino, ao ver o órgão sexual da menina, demonstra falta de interesse, o ignora ou rejeita-o, não aceitando prontamente a diferença. Ao passo que a menina, ao ver o sexo oposto, “faz seu juízo e toma sua decisão num instante. Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo” (p. 281).

Como já podemos desconfiar, a *premissa universal do pênis* encobre a questão da diferença sexual (a castração) – algo com o que a criança não quer haver-se, mas com o que deverá, inevitavelmente, se confrontar, ao longo de suas pesquisas. Tomemos ciência: essa louca crença das crianças faz parte daquilo que Freud nomeou em 1923, no texto “A organização genital infantil – Uma interpolação na teoria da sexualidade”, de *primazia do falo – a fase fálica*.

O texto de 23 é um adendo aos Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905) que vem tornar coeso e complementar suas edições passadas. Interessa-nos, em especial, o que Freud traz nesse texto de 1923 sobre a organização (pré-genital infantil) dos componentes sexuais da pulsão, especificamente, sobre a *fase fálica*¹⁷.

Em seus Três Ensaio Freud já havia postulado a existência das fases oral e sádico-anal, e também, da fase fálica, embora esta aparecesse com o nome de *premissa universal do pênis*. Em 1923 deixa bem claro que o “que está presente” nessa premissa “não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*” (p. 158)¹⁸. Entendamos.

¹⁷ Cabe pontuar aqui o sentido do vocábulo “fase”. Segundo Masotta (1987, p. 36-37) “*Fase* é algo que o sujeito deve irremediavelmente e obrigatoriamente atravessar. Mas além disso, e durante a fase, aparece ou emerge uma estrutura de relação nova (...) com os objetos”. Freud coloca já em 1905 que o desenvolvimento da pulsão sexual (a libido) se dá em sobreposição de fases. Isto é, para a libido desenvolver-se completamente, antes de chegar à primazia genital (a uma organização genital definitiva que poderá (ou não) estar a serviço da reprodução) ela deve, antes, passar por três fases: oral, anal e fálica. Aqui cabe ainda uma ressalva, embora estas etapas se sucedam no tempo elas não são anuláveis, e sim acrescidas umas às outras de modo a produzir uma estrutura nova de relações de objetos. Se inicialmente o bebê se relaciona com aquilo que ingere, por exemplo, o leite, tendo como objeto o seio materno (primeiro objeto – fase oral), em outro momento ele se relaciona com seus excrementos (novo objeto – fase anal) e em outro com o pênis (outro novo objeto – fase fálica) não significa dizer que o sujeito abandonará totalmente essas etapas depois de passar por elas, mas sim que, à medida que novos objetos surjam, esse sujeito se relacionará de forma diferente, e até simultaneamente, com cada um dos objetos de cada uma dessas fases, isso implica dizer que as fases nunca são superadas totalmente. E nunca é demais retomar: a sexualidade da qual fala a psicanálise está além da reprodução. Relembremos: a sexualidade é sempre infantil e perverso-polimorfa, isto é, busca satisfação por diversos meios e em diversos objetos, portanto, mesmo que a libido chegue ao seu estágio final de desenvolvimento, ela sempre errará e poderá retornar aos seus estágios anteriores.

¹⁸ Segundo Laplanche e Pontalis (1983), o termo *Falo* é raramente encontrado nos escritos de Freud, sendo mais empregado na sua forma adjetiva <fase fálica>. Pontua que há, sobretudo, na psicanálise contemporânea uma diferenciação entre <pênis> e <falo>, sendo o primeiro, o órgão sexual masculino em sua corporeidade física e o segundo, sua representação simbólica (p. 225). Em Freud, entendamos o *pênis*, como algo acoplado ao corpo, e, nos termos da *fase fálica*, como algo destacável do corpo (um objeto

A fase fálica é caracterizada nos termos: “ter ou não ter pênis”, ou melhor, “ter ou não ter falo”, ainda melhor, “ter o falo ou ser castrado”. Conforme Laplanche e Pontalis “a oposição não reside aqui entre dois termos que designam duas realidades anatômicas, como pênis ou vagina, mas a presença e ausência de um único termo” (1983, p. 225), o pênis.

Freud complementa dizendo que “a antítese aqui é possuir *um órgão genital masculino e ser castrado*” (1923, p. 161), isto é, a antítese se inscreve em termos de uma falta, no par “os que têm o falo” (marcados por uma suposta completude) e “os que não têm o falo” (marcados pela incompletude).

Relendo Freud, salienta Lajonquière (2007, p. 197):

Por Falo deve-se entender a *premissa universal do pênis* e, por conseguinte, a teimosia negativa (inconsciente) em reconhecer a diferença sexual anatômica (com maior precisão: a teimosia negativa a construir a noção de diferença).¹⁹

Todos querem ter o Falo, pois ninguém quer se confrontar com a castração. Ninguém quer aceitar que existe a diferença sexual e que não há completude. Ninguém é completo já que ninguém possui o suposto “objeto imaginário” (*o Falo*) que viria tamponar a falta. Aceitar que não possuímos *Falo* é lidar necessariamente com a diferença, com a falta que nos habita e que nos impulsiona a desejar. Enfim, ninguém quer aceitar-se castrado, nem mesmo a criança, por isso ela cria sua teoria de um sexo só e nela crê cegamente²⁰.

parcial), e por isso não propriamente um *pênis*, mas sua representação simbólica. Em Lacan, *Falo* é o <significante do desejo> (p.1983), já pontuado em outra nota como <significante da falta>.

¹⁹ Sem nos alongar, queremos indicar o papel estruturante desempenhado pela *fase fálica* na construção da noção da diferença sexual para a criança. A premissa fálica sinaliza a travessia pela criança do *complexo de castração* e do *complexo de Édipo*, jornadas nas quais se definirá a sua identidade sexual. Lajonquière nos ajuda a entender isso: “Uma vez que a angústia de perder o pênis e a inveja por não tê-lo constituem um dos vieses que articulam a castração, sustenta-se que é sobre este complexo que se apoia a estruturação, via um interjogo identificatório, de uma “identidade sexual” para o sujeito. Neste sentido, pode-se afirmar que é no seio da problemática edípica, motorizada pelo complexo de castração, que se define uma subjetividade masculina ou feminina ou, em outras palavras, que um homem e uma mulher se tornam psicologicamente enquanto tais, além de seus sexos biológicos” (2007, p. 193-194).

²⁰ Essa primeira teoria formulada pelas crianças revela que a criança vive o *complexo de castração*, sendo que este inicia o *complexo de Édipo* na menina e o “encerra” no menino. Oscar Masotta torna claro e acresce o que viemos falando sobre a questão da castração: “é através da questão do Falo que a castração se introduz na estrutura do sujeito. O confronto da premissa, o Falo, com a diferença dos sexos: eis aí o que a teoria tem chamado complexo de castração. Seria o mesmo que dizer que a castração é consequência imediata do Falo. O sujeito infantil – menino ou menina – parte da crença de que somente existe o pênis, que existe unicamente o genital masculino, e quando com o tempo, descobre que existem dois sexos, que, anatomicamente, há seres que não possuem pênis, surge, então, o complexo de castração.

Neste momento das investigações sexuais da criança em sua busca da origem dos bebês, “ter ou não ter o Falo” estaria orientado também para “ser ou não ser o Falo” para a mãe, completar-lhe a falta. A criança está narcisicamente ferida pela vinda de um terceiro (que atrapalhou sua relação dual com ela), por isso “ter o Falo” é tão importante. Isso equivaleria a “ser o Falo da mãe”, isto é, voltar a ser aquele bebê (filho-Falo da mãe) que, antes da chegada do ‘intrusor’, “completara” o desejo dela. Tornar a ser aquele ser, antes tão “completo”, tão “sem falta”. Grande doce ilusão!

Agora vamos para a segunda teoria. Na sua busca frenética pelas origens.... as crianças dão mostras de saber que o bebê se forma dentro do corpo da mãe, mas o que lhes resta então é saber como ele foi parar lá dentro. Elas desconfiam que provavelmente o pai tenha alguma coisa a ver com isso, pois afinal também diz que o bebê é dele. E o pênis também deve desempenhar algum papel nisso “como comprova a excitação desse órgão que acompanha tais atividades mentais das crianças” (Freud, 1908, p. 198). Mas essa primeira teoria não dá conta de responder pela origem dos bebês, pois

quando parecesse assim bem encaminhada para descobrir a existência da vagina e inferir que a penetração do pênis paterno na mãe foi o ato que gerou o bebê no corpo desta – nesse momento crítico, a criança perplexa e impotente é obrigada a interromper sua investigação. O obstáculo que impede que ela descubra a existência de uma cavidade que acolhe o pênis é a sua própria teoria de que a mãe possui um pênis, como um homem (1908, p. 198).

O tiro saiu pela culatra! A criança acaba vítima de suas próprias teorias. Credo assim que todos os seres possuem um pênis, ignorando, portanto, a vagina (não esqueçamos: ignorando a diferença sexual, a castração), a criança cria então sua próxima teoria: os bebês nascem pelo ânus, são expelidos como excrementos.

Não é difícil deduzir em que a criança se apoia para construir essa teoria! A *teoria cloacal* surge da experiência concreta das crianças na satisfação de suas necessidades fisiológicas. E se ampara, é claro, nas

O homem, ante o confronto com o fato da diferença, sente-se “ameaçado” em relação a seu genital. Ele o tem – esse pênis – mas poderia perdê-lo. Quanto à mulher, que não tem, anseia tê-lo, inveja-o. Inveja do pênis e ameaça de castração: são termos que nomeiam o caso da mulher e do homem no interior dessa estrutura que Freud chamou de complexo de castração” (Masotta, 1987, p.32).

pulsões parciais anais (erotismo anal) que a criança experimenta ou experimentara em sua sexualidade. Se localizamos a primeira teoria na *fase fálica* na organização pré-genital dos componentes sexuais da pulsão, a segunda pertence à *fase sádico-anal*.

Pois bem, “descoberto” que os bebês certamente saem pelo ânus, é ainda preciso saber como eles entram no corpo da mãe. Nasce outra teoria, extensão da segunda, mas apoiada na *fase oral*: “a ingestão de uma determinada comida ocasiona a concepção de uma criança” (Freud, 1908, p. 199). Essa teoria também nasce daquilo que experimenta a criança na satisfação de suas necessidades biológicas, agora relacionada à nutrição.

Boca e ânus, verso e reverso da mesma moeda: se tudo que se come entra (pela boca) e sai (pelo ânus), nada mais natural para a criança, depois de teorizar que os bebês nascem pelo ânus, deduzir que eles entram no corpo da mãe pela boca. Sendo assim, assinala Freud:

era apenas lógico que a criança negasse às mulheres o doloroso privilégio de dar à luz bebês. Se estes nascem pelo ânus, um homem pode parir tão bem quanto uma mulher. Portanto, é possível que o menino imagine que também ele tenha filhos (Freud, 1908, p. 199).

Uma vez mais a criança não chega à verdade sobre a origem dos bebês.

Depois disso, vem à tona a terceira teoria, que Freud nomeou como a *concepção sádica do coito*. A criança “encara [o coito] como um ato imposto violentamente pelo participante mais forte ao mais fraco” (1908, p. 199). Aclara Freud que a criança chega a essa conclusão, por testemunhar acidentalmente fragmentos de uma relação sexual entre os pais (as posições das duas pessoas no ato, gemidos ou ruídos) e por ter ela uma percepção fatalmente incompleta e equívoca dessa situação.

A *concepção do coito sádico*, conforme Freud (1908, p. 199-200), é confirmada por outras observações acidentais da criança, tais como:

- ✓ *sangue nos lençóis ou nas roupas íntimas da mãe*, isso significaria que a mãe foi agredida pelo pai, quando na real seria a menstruação – a interrupção temporária das relações sexuais e, por consequência, a não concepção de bebês;

- ✓ *as brigas “diárias” entre os pais*, que no olhar da criança continuam pela noite, a exemplo das brigas que ela mesma trava com seus irmãos e que também são fonte de excitação;
- ✓ *a resistência da mãe aos abraços do marido* que também é visto como uma violência, mas que na verdade, é uma resistência da mãe aos abraços que levariam a uma nova gravidez.

Tudo isso vem validar ainda mais a concepção sádica que a criança formula a respeito da relação sexual entre os pais que, por circunstâncias domésticas, ela “presenciou”.

É importante notar como a criança vai buscando e juntando provas que corroborem suas conclusões. O mais interessante é que essas evidências são interpretadas de forma equívoca, impossibilitando outra vez a descoberta da origem dos bebês.

Embora Freud declare não ter conseguido comprovar se as crianças conseguem estabelecer um elo entre a testemunhada relação sexual dos pais e o aparecimento dos bebês, infere que seja improvável que elas percebam esse nexos, pois interpretam o ato sexual amoroso como algo violento (1908, p. 200) e, portanto, na cabeça da criança, ele não poderia culminar em um nenê. No entanto, ele chama a atenção para o fato de que

essa concepção [sádica] dá a impressão de um retorno ao obscuro impulso para um comportamento cruel que se associou às excitações do pênis da criança no momento em que ela principiou a refletir sobre a origem dos bebês (Freud, 1908, p. 200).

O autor já tinha asseverado que “se as crianças seguissem as pistas fornecidas pela excitação do pênis, chegariam bem mais perto da solução do seu problema” (1908, p. 198), mas isso não ocorre. Resulta então, o que já está claro: nenhuma das teorias formuladas pelas crianças lhes permite resolver o enigma da origem, são falhas. Porém, ainda assinala Freud:

Essas teorias sexuais falsas possuem uma característica muito curiosa: embora cometam equívocos grotescos, cada uma delas contém um fragmento da verdade (1908, p. 195).

Por Freud entendemos que, no fundo, é verdade que homens e mulheres possuam um pênis, haja vista o clitóris-pênis feminino. É também verdade que os bebês são expelidos à semelhança das fezes, embora não pelo ânus mas sim pela vagina. É também verdadeira a natureza sádica do coito, pois ela reflete correlatamente a batalha dos sexos, iniciada na infância e estendida para toda a vida.

Pois bem, o fracasso de todas as teorias sexuais infantis é motivado pela imaturidade sexual das crianças, já que todas elas são concebidas sob a influência dos componentes da pulsão sexual, isto é, com base naquilo que a criança experimenta nas fases oral, sádico-anal e fálica da organização sexual.

As crianças pensam com o corpo, elas sentem no próprio corpo as teorias que criam. “Estas são teorias sexuais pelas quais as crianças sentem uma predileção de caráter pulsional” (Kupfer, 1990, p. 39). As teorias fracassam, pois as crianças desconhecem em seu próprio corpo a vagina e o sêmen – as peças que faltavam para completar o quebra-cabeça.

No final das contas, o feitiço vira contra o feiticeiro: é a premissa universal do pênis (negação da diferença sexual) que impede as crianças de se aproximarem um pouco mais da verdade sobre as origens.

Se tais investigações começam muito bem – pois as crianças logo se vêem obrigadas a dar um grito de independência intelectual em relação às pífias explicações dos adultos – seu final é triste: por causa de sua imaturidade sexual, as crianças jamais chegam à verdade, e suas primeiras investigações estão fadadas ao fracasso. Este fracasso deixará uma impressão duradoura e deprimente, podendo ter graves consequências... (Kupfer, 1990, p. 34-35).

Ademais desse fracasso inevitável de tais teorias, algo mais desponta no horizonte delas. É preciso dizer que, mesmo quando os adultos esclarecem às crianças a origem dos bebês, elas continuam criando suas teorias, sendo descrentes e antagônicas diante das explicações deles.

Assim, paradoxalmente, ao mesmo tempo em que as crianças querem saber sobre a origem dos bebês, parece ser que elas também nada querem saber sobre isso, pois, como vimos, elas não querem lidar com a castração.

Kupfer lembra a íntima conexão entre estas teorias que buscam explicar a origem dos bebês e a castração. Ao forjarem suas teorias as crianças estariam de fato entrando em contato com a castração (p. 35).

Diante da realidade da castração, transmitida de uma forma ou de outra pelos pais reais ou por um discurso carregado de “nãos”, há um movimento inicial de recusa da criança, necessário para fazer pensar e para instituir uma clivagem no seu interior. Por isso, o movimento de aceitação da castração nunca é linear. Precisa passar, pode-se dizer assim, por um momento perverso, em que aceitação e recusa estão simultaneamente presentes. É preciso recusar, entre outras coisas, por uma necessidade intelectual. É preciso investigar muito, antes de engolir a castração (Kupfer, 1990, p. 40).

No momento em que as crianças escolhem investigar sozinha, sem a ajuda dos adultos, elas estão criando para si, as suas próprias teorias sobre a sexualidade. Nesse movimento de recusa, vimos que a criança começa a tornar-se autora de seu próprio discurso, de suas próprias narrativas, ela começa a pensar.

Essas investigações não só são o protótipo de todas as investigações posteriores como decidem sobre seu destino. Nesses primeiros tempos, a criança deverá “assumir”, de um lado, a irreduzibilidade da falta, que torna toda investigação frustrada. Mas, de outro, poderá “recusá-la”, realizando um primeiro movimento de independência. Poderá reservar para si um espaço de fantasia e criar um espaço próprio, de crenças pessoais (Kupfer, 1990, p. 41).

Entendamos o que traz Kupfer nestes dois últimos excertos de texto. Ela coloca que as primeiras investigações sexuais da criança servirão como modelo de todas as outras investigações futuras. E também que esse período das investigações sexuais infantis é, digamos, definidor do movimento desejante da criança, já que em sua travessia é que se definirão os rumos futuros do *desejo de saber* nas crianças.

Freud (1908) vai dizer que essas primeiras experiências de contato com a castração (a chegada do novo bebê, o adulto que não diz a verdade e o inevitável fracasso das teorias infantis) são tão impactantes para a criança que chegam a ocasionar nela um conflito psíquico, sendo elas responsáveis pela instituição de uma primeira clivagem psíquica.

Lembremos que nessas três experiências o que está em questão é justamente um confronto da criança com a castração: a descoberta da diferença anatômica, a descoberta sobre a castração.

É nesse sentido que dizemos que o contato com a castração (vivido no período das investigações sexuais) é fundamental para o destino do *desejo de saber* da criança. É dependendo de como a criança se depara e lida com a

castração que ela, digamos, desejará “mais”, “menos” ou “nada”, que se configurará ou não uma *pulsão de saber, de investigar*.

Grosso modo, se ela for demasiadamente cerceada em suas investigações sexuais, ela pode entender, pela ameaça de castração constante, que deve parar de insistir nesses assuntos sexuais e, portanto, deve *deixar de querer saber* sobre isso e interromper suas investigações. E isso poderá comprometer seu *desejo de saber* convertendo-o em inibição intelectual.

Se por outro lado, a criança, mesmo diante das mentiras ou ameaça de castração, consegue prosseguir em suas investigações sexuais, seu *desejo de saber* pode converter-se em produção intelectual, produção de conhecimento, na *pulsão de saber*. É o que tentaremos circunscrever no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 4

DA CURIOSIDADE SEXUAL AOS SABERES CONSTITUÍDOS

A atividade do conhecimento não
cessa de se relacionar com um
enigma.

Rinaldo Voltolini²¹

4.1 A Pulsão de saber nos “Três Ensaiois”

Nesta parte de nosso trabalho acompanharemos as considerações que Kupfer traz a cerca da composição da pulsão de saber, quando a define como uma pulsão mista. Sua tese, “*Desejo de Saber*” (1990), já apareceu em nosso trabalho, de forma espaçada, sobretudo no capítulo anterior, agora a teremos como fio condutor desta parte. Recorreremos também a outros textos, para melhor organizar nossas reflexões.

No segundo dos Três Ensaiois sobre a Teoria da Sexualidade (1905), num capítulo composto apenas por um parágrafo e intitulado “A pulsão de saber”, Freud traz uma definição para uma certa “*pulsão*”:

Ao mesmo tempo em que a vida sexual da criança chega a sua primeira florescência, entre os três e os cinco anos, também se inicia nela a atividade que se inscreve na pulsão de saber ou de investigar [1].

Essa pulsão não pode ser computada entre os componentes pulsionais elementares, nem exclusivamente subordinada à sexualidade. Sua atividade corresponde, de um lado, a uma forma sublimada de dominação e, de outro, trabalha com a energia escopofílica [2].

Suas relações com a vida sexual, entretanto, são particularmente significativas, já que constatamos pela psicanálise que, na criança, a pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, e talvez seja até despertada por eles (1905 [1915], p. 183) [3].

A primeira vez que travamos contato com esse parágrafo, temos que admitir que, ele nos soou um tanto estranho. Digamos que, se não antitético, ao menos bastante paradoxal: leia-se, extremamente confuso. Não entendíamos como era possível Freud afirmar que a origem da pulsão de saber

²¹ VOLTOLINI, Rinaldo. “Pensar é desejar”. In: *Revista Educação Especial: Biblioteca do Professor*. Nº 1. São Paulo: Segmento, 2006.

coincidia com o início do período das investigações sexuais infantis, isto é, sua origem é sexual; mas em seguida afirmar que a mesma (?) pulsão não está totalmente vinculada à sexualidade. E ainda seguidamente, colocar de forma nada velada que a tal da pulsão é atraída e despertada pelos problemas sexuais, ou seja, ela não é sexual desde sua origem e mais, já está posta de antemão. A confusão estava feita: era um problema de tradução ou de interpretação? De que pulsão falava Freud?

Embora a confusão estivesse feita e nem soubéssemos por onde começar a desfazê-la, conferimos na tese de Kupfer que nossas dúvidas, no fundo, tinham alguma razão de ser. A autora afirma que até para os mais versados em Freud (não é o nosso caso), o parágrafo é nebuloso, “pois, de certo modo, há problemas conceituais nesta definição” (1990, p. 10) freudiana de pulsão de saber.

Lendo criteriosamente as partes [1], [2] e [3] do célebre parágrafo freudiano, podemos ler nele a existência de três pulsões, ou de repente, três momentos da mesma pulsão. Vejamos.

Na primeira parte está claro que Freud aponta a origem de uma certa pulsão (de saber, de investigar?) no período das investigações sexuais infantis, isto é, há uma pulsão aí que já nasce sexual. Pois bem, chamaremos isso que ora se apresenta aliado à sexualidade infantil, aos problemas sexuais, de ‘desejo de saber’; que também pode ler lido, no contexto do parágrafo, como ‘pulsão de investigação infantil’ ou ‘curiosidade infantil’ ou mesmo ‘pulsão de saber **infantil**’. Ou seja, Freud estaria falando de algo que se apresenta no seu início e é necessariamente sexual.

Na segunda parte, Freud parece apontar não o primitivo ‘desejo de saber’, mas algo que resultaria dele, isto é, uma ‘pulsão de saber adulta’. É o mesmo dizer que o ‘desejo de saber’, depois de passar por dois processos (‘recalcamento’ e ‘sublimação’, que veremos adiante) de transformação, resultaria numa ‘pulsão de saber adulta’ ou simplesmente na ‘pulsão de saber’. Embora na parte [2] Freud se expresse em termos de “**essa** pulsão não pode...”, parece que ele não fala do ‘desejo de saber’ expresso na parte [1], pois afirma que essa (nova) pulsão, a ‘pulsão de saber’, não é considerada por ele como totalmente sexual.

Na terceira parte, Freud diz que as relações da ‘pulsão de saber’ com a vida sexual são significativas; nisso ele corrobora o que disse na parte [1], já que a ‘pulsão de saber’ surge exatamente do ‘desejo de saber’ primitivamente aliado ao sexual. No entanto, quando Freud aponta que a pulsão de saber “é atraída” ou “talvez seja até despertada” pelos problemas sexuais, talvez devamos desconfiar que ele esteja falando de outra coisa que não a ‘pulsão de saber’ e não o ‘desejo de saber’, algo que já estaria posto de antemão. Se uma pulsão é atraída ou despertada pelos problemas sexuais, poderíamos dizer então que esta pulsão, que está aí desde o início, é uma pulsão *não sexual*. Pois bem, a partir do texto é possível extrair essa conclusão.

Assim sendo, é aceitável que o ‘desejo de saber’ seja em sua origem inteiramente sexual e que a ‘pulsão de saber’ o seja parcialmente; conclusões a que chegamos até agora. Porém, partindo do pressuposto que estamos no campo da psicanálise, que concebe o ser humano como um ser sexual, seria possível considerar a existência de uma pulsão de investigação *não sexual*, anterior ao ‘desejo de saber’? Somos descrentes disso. Mas Kupfer nos ajuda entender o que, talvez, tenha ocorrido na parte [3] do parágrafo em questão:

Caso se observe que o texto dos “Três Ensaio” foi escrito em “camadas”, e se suponha que esse adendo [e talvez seja até despertada por eles] tenha sido apostado posteriormente, talvez se possa imaginar que Freud passou a nutrir uma certa desconfiança de que as coisas se passavam diferentemente. **Ou seja, a investigação infantil [desejo de saber] pode nascer sexual** (Kupfer, 1990, p. 23-24, Grifos nossos).

A conclusão em destaque está mais que comprovada, não é mesmo? No capítulo anterior, discutimos intensamente o teor sexual das investigações infantis ao estudarmos as surpreendentes teorias tecidas pelas crianças para explicar o nascimento dos bebês. Vimos como elas, sob o domínio das pulsões sexuais parciais (oral, anal, escópica, dominação) e movidas por grande curiosidade (pelas origens), tentam descobrir, à custa de muita teorização e fantasias, os enigmas da sexualidade e do desejo.

Dessa forma, nas entrelinhas do texto da autora, podemos ler o que viemos defendendo, isto é, que o ‘desejo de saber’ e a ‘pulsão de saber’ são primitivamente sexuais, já que esta última deriva do primeiro e ele é em essência sexual. Mas importa dizer que, apesar de haver no parágrafo de

Freud ecos da existência de uma pulsão de investigar primitivamente *não sexual*, o que nos interessa ressaltar é que o autor vincula a origem do ‘desejo de saber’ nas crianças à questão da sexualidade. Nesse sentido, antes de passar a estudar os componentes da ‘pulsão de saber’, é relevante destacar que não devemos entender o ‘desejo de saber’ e a ‘pulsão de saber’ como algo inato e natural.

Pois bem, as discussões travadas no capítulo anterior e, até agora, neste, nos ajudaram a entender que Freud localiza a origem dos processos de pensamento no período das investigações sexuais infantis. Relembremos que é partindo de uma pergunta sobre as origens que uma criança começará a se colocar desejosa de saber:

Essa pergunta [‘De onde vêm os bebês?’] é, como toda pesquisa, o produto de uma exigência vital, como se ao pensamento fosse atribuída a tarefa de impedir a repetição de eventos tão temidos. Suponhamos, entretanto, que o pensamento infantil logo se torne independente dessa instigação e passe a operar como uma **pulsão autônoma de pesquisa**²² [**pulsão de saber**] (Freud, 1908, p. 194, grifos nossos).

Quando Freud aponta a origem da pulsão de saber no período das investigações sexuais infantis ele está, nas entrelinhas, dizendo que a pulsão de saber não é inata, pois da mesma forma que algo tem um início, esse algo pode também não tê-lo. De forma mais clara, numa perspectiva psicanalítica, a ‘pulsão de saber’ não deve ser vista como algo que necessariamente viria desenvolver-se numa criança, como se ela trouxesse consigo (desde nascida) um germe do conhecimento, do querer saber, do desejar saber, e só estivesse à espera de um insight que viesse despertar a tal pulsão; de forma alguma, a *pulsão de saber* não é inata e tampouco natural, ela está inscrita sempre nas margens do desejo do Outro. Lembremos que uma criança só experimentará a sexualidade em seu próprio corpo e terá contato com o desejo, através de suas experiências com os outros. É necessariamente o desejo do outro que impulsiona uma criança a desejar saber, e a buscar saberes.

²²“pulsão auto-sustentada de pesquisa”, já que em nosso trabalho substituímos instinto por pulsão, por motivos já explicitados no Capítulo 1.

Posto isso, vamos à composição da ‘pulsão de saber’ para em seguida, podermos estabelecer mais nitidamente algumas “diferenças” entre ela e o que estamos chamando de ‘desejo de saber’.

Vimos que Freud indica na parte [2] do parágrafo citado anteriormente que não se pode colocar a pulsão de saber entre os “componentes pulsionais elementares” da sexualidade e tampouco subordiná-la “exclusivamente” aos domínios dela. Isso pode ser entendido da seguinte forma:

- ✓ a pulsão de saber não pode ser vista como uma pulsão parcial (feito as pulsões orais; anais; etc, participantes ativas na composição da sexualidade);
- ✓ a pulsão de saber não possui uma origem inteiramente sexual; mas o é em parte.

Entendida nestes termos, na medida em que Freud assinala que a pulsão de saber é composta, em parte por uma ‘pulsão de dominação sublimada’ e, em parte outra, pela ‘energia da pulsão de ver’ (ou escópica), Kupfer (1990, p. 25), em acordo como Christiane Trochet (1983), assinala que, talvez, a pulsão de saber possa ser considerada uma ‘pulsão mista’, já que composta por duas pulsões parciais.

De certa forma, já falamos da ‘pulsão de ver’ e da ‘pulsão de dominação’ quando discutimos a sexualidade infantil e as formas como ela se manifesta. Colocamos essas duas pulsões como manifestações da sexualidade que, por denotarem um “exercício de poder” ou “desejo de posse” sobre os outros, possibilitam aos pequenos um imenso prazer. Vamos à primeira delas.

Quem nunca teve a experiência de estar com um grupo de crianças em casa ou na escola e lhes dizer “vejam isso aqui” e vê-las, de uma só vez, se lançar para cima de você querendo “ver” o que está mostrando? E é um “deixa eu ver tia” por aqui e um “deixa eu ver professora” por acolá.... Há quem não perceba nesse “deixa eu ver” um verdadeiro “deixa eu tocar”? Na verdade, não só nas criancinhas como também nos adultos, se observarmos bem, a visão é uma extensão do tato. Através da visão é possível tocar alguém ou alguma coisa. Nesse sentido, Kupfer afirma que

A Schaulust [pulsão escópica ou de ver] é uma pulsão parcial que, como toda pulsão, apoia-se sobre uma atividade de tipo autoconservador, que nesse caso é a atividade de ver. No pensamento de Freud, a visão, estudada na perspectiva da autoconservação, é um prolongamento do sentido do toque. (...) Os olhos cumprem com o tato, a função de ir buscar entre os objetos as referências necessárias à identificação da posição de uma pessoa no mundo (Kupfer, 1990, p. 56)

Portanto a atividade de ver estaria no âmbito de uma preservação do indivíduo, isto é, dos cuidados propriamente ditos. Mas, na medida em que os cuidados maternos estão inseridos numa trama desiderativa, eles deixam de ser puros cuidados e se transformam em algo sexual. Não vimos que o bebê se agarra ao olhar materno para ter uma primeira imagem de seu corpo? Não vimos que a mãe modela seu bebê pelo toque de seu olhar, de suas palavras? Não seriam ‘olhar’ e ‘palavra’ uma ‘visão’ investida de libido? É disso que se trata quando Freud afirma que a pulsão de saber atua com a energia da pulsão de ver, isto é, atua com sua libido.

Ao recorrer à pulsão de ver para dela extrair sua energia e colocá-la a serviço da pulsão de saber, Freud poderia estar pretendendo duas coisas. Em primeiro lugar, ele poderia estar querendo introduzir o sexual na pulsão de saber através da libido e não através da instituição de mais uma pulsão parcial. (...) A libido traz em seu bojo a ideia de vontade, apetite, desejo. (...) Em segundo lugar, Freud teria desejado atrelar a entrada da libido, na pulsão de saber, à pulsão de ver. É dessa atividade, a de ver, e não de outra qualquer, que ela é extraída (Kupfer, 1990, p. 55-56).

Mas, para onde mais aponta a atividade de ver? Para “O buraco da fechadura” (2008), de Rodrigo Blum, ou melhor, aponta para a fantasia. O autor, neste artigo, de insinuante e bonito nome, nos aponta diretamente para a origem da fantasia. O ato de ver como algo prazeroso é que o vai dar estatuto para um fantasiar da criança:

O prazer em ver talvez seja um dos mais antigos prazeres do ser humano. Assim como o tocar; o prazer decorrente do olhar é fundamental na constituição psíquica e na excitação libidinal do sujeito. Desde muito cedo, a criança é estimulada pelo toque, pelo cheiro e pela visão da mãe, ainda que nebulosa. Mas os prazeres decorrentes da fonte do olhar não se restringem ao que é visto: funcionam também como fonte de fantasias. É através do que é visto e do que é fantasiado que o sujeito constitui seu imaginário, bem como suas representações simbólicas (p. 67).

Segundo o autor, as primeiras fantasias das crianças recaem sobre a intimidade dos pais, pois “a intimidade e a privacidade dos pais provocam-na no que ela tem de mais importante: sua origem e o lugar do sexual no desenvolvimento” (p. 68). Ou seja, os primeiros olhares de uma criança recaem sobre aquilo que lhe é proibido ou escondido, sobre a fantasia de uma cena primária que lhe haveria dado origem. Está aí, de outra forma, a intrínseca relação da pulsão de saber com a questão das origens.

Assim, torna-se claro como a energia do desejo de ver o proibido, isto é, como a libido da pulsão de ver, é conservada na pulsão de saber. Isso nos leva a concluir com Rodrigo Blum que a visão “é, talvez, o caminho mais direto para as coisas do mundo” (p. 67), ou seja, para a pulsão de saber.

Agora é a vez da “pulsão de dominação”; em seguida pensaremos no porque de ela ser sublimada.

A pulsão de dominação, à semelhança da pulsão de ver, também se apoia sobre uma atividade de autoconservação, portanto *não sexual*, segundo Kupfer (1990, p. 52) “destinada a levar os indivíduos ao controle dos objetos pelo exercício muscular”, isto é, pela força. O exercício desse controle pode ser visto claramente, por exemplo, na questão da dominação dos esfíncteres pela criança.

Por outro lado, a tendência a dominar pode ser vista mesclada à sexualidade. A autora marca que Freud inscreve a pulsão de dominação como uma pulsão *não sexual*, pois ele nota que “a sexualidade da maior parte dos homens mostra uma mescla de agressão, de tendência a dominar, cuja significação biológica estará talvez na necessidade de vencer a resistência do objeto sexual de um modo distinto dos atos do cortejo” (p. 51).

Ela chama atenção ainda para o fato de que Freud vê no comportamento sexual das crianças componentes de crueldade que se ligarão somente mais tarde a sua sexualidade, quando adultas. Assim, embora as teorizações de Freud a respeito da pulsão de dominação recaíam sobre um caráter não sexual; parece que não podemos colocar a pulsão de dominação apenas sob a égide do biológico, do *não sexual*. É o que parece dizer Kupfer quando conclui que a noção de pulsão de dominação na teoria psicanalítica é bastante ambígua.

Porém, ressalta a autora que, assim como postula o psicanalista Roger Dorey (1988), a noção de dominação deve ser “considerada essencialmente como um modo muito singular de interação entre dois sujeitos, que não se reduz à atividade de uma só tendência mas corresponde a um agenciamento complexo da relação como o outro” (Kupfer, 1990, p. 53), isto é, uma relação de dominação no campo da intersubjetividade.

E se é à subjetividade que a dominação remonta, então, estamos outra vez no âmbito do desejo, ou seja, o que se visa dominar, neste tipo de relação, é o desejo do outro. Assim, “é possível depreender que, na busca do objeto de conhecimento, o que se dá é um tipo de relação com esse objeto, que recebe a marca de um desejo de posse, contido, freado pela sublimação” (Kupfer, 1990, p. 53).

Assim, pela impossibilidade de vincular a pulsão de dominação exclusivamente à sexualidade e nem tão somente ao campo biológico, depreendemos, da leitura que fazemos de Kupfer, que esta pulsão para sofrer uma sublimação, ou seja, passar da esfera sexual para a *não sexual*, deva necessariamente estar correlacionada, em sua origem, à sexualidade.

Portanto, queremos supor que Freud ao falar de uma pulsão de dominação estaria referindo-se aos componentes sadomasoquistas que afirma estarem, desde cedo, presentes na sexualidade humana. Esses componentes atuam na forma do exercício de uma força de “apossar-se sobre algo” ou de “deixar-se possuir por algo” (ou seja, aponta àquele movimento de “atividade-passividade” onde o sujeito infantil ao mesmo tempo em que é objeto do outro, quer também exercer sobre ele seu poder). Nestes termos, podemos pensar que a sublimação apontada por Freud na pulsão de saber não ocorre na pulsão de dominação (*não sexual* para ele), mas na pulsão sexual parcial sadomasoquista, atuante na fase anal da organização pré-genital da libido.

Pois bem, nos falta agora compreender o que é a sublimação. No texto, “Pulsões e Destinos da pulsão” (1915), já referido no Cap.1, Freud aponta que a sublimação; e, juntamente, o recalçamento; a transformação em seu contrário; o redirecionamento contra a própria pessoa; são os possíveis destinos para a pulsão sexual ao longo de seu desenvolvimento.

Vejamos no que consiste a Sublimação, segundo Laplanche e Pontalis (1983):

[É um] processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. Freud descreveu como atividades de sublimação principalmente a atividade artística e a investigação intelectual. Diz-se que a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo alvo não sexual ou em que visa objetos socialmente valorizados (LAPLANCHE; PONTALIS, 1983, p. 638).

A sublimação vem marcar exatamente um processo de “barragem” da libido contra a satisfação direta da pulsão sexual, que consiste na substituição dos objetos e alvos sexuais, para os quais tendiam a pulsão, por outros *não sexuais*, porém, investidos de valor social. Chamamos de dessexualização essa passagem do sexual ao *não sexual*; mas deixemos claro, de antemão, que uma pulsão quando sublimada não deixa de ser sexual, ela continua sendo, pois ela atuará com a energia (a libido) da pulsão sexual, com a diferença de que seus objetos e objetivos não tenderão mais à satisfação pela via sexual propriamente dita, mas pela via da busca de saberes no campo do conhecimento.

Kupfer marca algo bastante interessante quando afirma que o processo de dessexualização não ocorre precisamente sobre a pulsão, ou sobre seu objeto ou ainda sobre seu alvo, mas ocorre “basicamente, na troca de objetos, no deslocamento de um objeto sexual para outro *não sexual*”, isto é, “A operação é dessexualizadora. Na passagem, no vão entre um e outro, está a dessexualização” (1990, p. 63).

E para não cairmos na cilada de pensar que qualquer troca de objetos (sexuais por *não sexuais*) basta para que algo seja considerado uma sublimação; a autora chama atenção para o fato de que o mais importante são os tipos de objetos e de satisfação que se obtém com a sublimação: objetos valorizados socialmente e uma satisfação de ordem narcísica. A ideia principal é que na troca de objeto “a satisfação direta da pulsão é substituída por uma narcísica” (Kupfer, 1990, p. 64). A autora marca que

Quando há uma troca de objeto, é preciso que algumas operações intermediárias tenham ocorrido. A primeira delas é uma retirada da libido que se encontrava investida no objeto sexual; a segunda é um retorno dessa libido ao eu, sendo esse movimento narcísico por excelência. A terceira é um revestimento, ditado pelo eu, em um outro objeto, agora *não sexual* (Kupfer, 1990, p. 64).

É relevante marcar que ao contrario do recalçamento no qual a libido é barrada pela censura imposta pela moralidade (pelo supereu); na sublimação o que há não é, exatamente, uma barragem da libido mas uma modificação no seu curso, que antes direcionada para satisfação sexual agora dirige-se a uma satisfação *não sexual* (mas, já sabemos, sexual em sua essência). Grosso modo, o que difere o recalque da sublimação é que nele quem age é a censura cerceadora e nela, um eu exaltador.

Constatamos, portanto, na análise que acabamos de fazer das pulsões parciais integrantes da pulsão de saber que esta pode ser considerada uma pulsão mista. E mista, pois mescla duas pulsões diferentes: uma sublimada e outra depurada.

O que nos ocorre ainda dizer é que embora a pulsão de saber, tal como descrita por Freud, não deva ser exclusivamente computada nos domínios da sexualidade; tal como dissecada por nós, seu caráter sexual não pode deixar de ser vislumbrado naquilo que a pulsiona: na libido, a energia depurada da pulsão de ver.

Na parte seguinte através da leitura de dois textos de Freud: “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos” (1909) e “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância” (1910) tentaremos entender como a “pulsão de saber” deriva de um “desejo de saber”.

4.2 A curiosidade do pequeno Hans

O pequeno Édipo encontrou uma solução mais feliz do que a prescrita pelo destino. Em vez de colocar o pai fora do caminho, concedeu-lhe a mesma felicidade que ele mesmo desejava: fez dele um avô e casou-o com a sua própria mãe (Freud, 1909, p. 91).

É assim que o pequeno Hans dribla sua fobia de cavalos, ou melhor, o medo que tem de seu pai. Hans, ao contrário da realidade de Édipo, não mata o pai. No entanto, digamos que, embora não fique com sua mãe no plano da realidade como fez Édipo, o faz no plano da fantasia. Mas quem são Édipo e Hans?

É da lenda do Rei Édipo, tornada ainda mais lendária pela tragédia homônima de Sófocles, que surge Édipo e, conseqüentemente, a teoria

freudiana sobre o complexo de Édipo, o complexo nuclear responsável por constituir alguém como sujeito do desejo, dando-lhe uma identidade sexual e imprimindo-lhe a moralidade.

Em resumo, Freud mesmo traz a lenda:

Édipo, filho de Laio, Rei de Tebas, e de Jocasta, foi enjeitado quando criança porque o oráculo advertira Laio de que a criança ainda por nascer seria o assassino de seu pai. A criança [Édipo] foi salva e cresceu como príncipe numa corte estrangeira, até que, em dúvida quanto a sua origem, também ele interrogou o oráculo e foi alertado para evitar sua cidade, já que estava predestinado a assassinar seu pai e receber sua mãe em casamento. Na estrada que o levava para longe do local que ele acreditara ser seu lar, encontrou-se com o Rei Laio e o matou numa súbita rixa. Em seguida dirigiu-se a Tebas e decifrou o enigma apresentado pela Esfinge que lhe barrava o caminho. Por gratidão, os tebanos fizeram-no rei e lhe deram a mão de Jocasta em casamento. Ele reinou por muito tempo com paz e honra, e aquela que, sem que ele o soubesse, era sua mãe, deu-lhe dois filhos e duas filhas (1900, p. 287-288).

A tragédia de Sófocles começa justamente com uma série de infortúnios se abatendo sobre Tebas, e os mensageiros do Rei Édipo trazendo a notícia do Oráculo de que essas desgraças só cessariam quando encontrado o assassino de Laio. A ação da tragédia é nada mais que a descoberta por Édipo de que ele assassinara o próprio pai e se deitara com a própria mãe. Em troca de tamanha e terrível revelação, ele cega os próprios olhos.

É disso tudo que Freud parte quando diz que:

É destino de todos nós, talvez, dirigir nosso primeiro impulso sexual para nossa mãe, e nosso primeiro ódio e primeiro desejo assassino para nosso pai. (...) O Rei Édipo, que assassinou Laio, seu pai, e se casou com Jocasta, sua mãe, simplesmente nos mostra a realização de nossos próprios desejos infantis (Freud, 1900, p. 289).

Pois bem, é precisamente neste contexto – na travessia do complexo de Édipo e do complexo de castração, que se insere o caso do pequeno Hans. Vamos a algumas observações sobre ele.

Hans tinha por volta de três anos de idade quando seu pai começou a analisá-lo conforme a teoria psicanalítica e a enviar a Freud observações a seu respeito. Assim, até os cinco anos de idade o menino teve sua análise encaminhada indiretamente por Freud, já que intermediada por seu pai. Com exceção de uma única vez, os dois estiveram juntos numa breve sessão.

Hans se referia a Freud como o “professor que o curaria de sua bobagem”: uma fobia a cavalos que o impedia de sair à rua. O menino receava que um cavalo fosse mordê-lo na rua, medo que, segundo o pai, estaria associado ao receio que ele vinha tendo de um grande pênis. Esse medo evolui para um medo de que o cavalo caísse ou morresse.

Embora não seja nosso propósito acompanhar minimamente como se dá a fobia do menino, queremos apontar que Freud chega à conclusão de que o grande pênis ou o cavalo que cai ou morre, é, na verdade, o próprio pai do menino, por quem ele nutre uma ambivalência sentimental: o mais profundo amor e também sentimentos hostis. Estes, atuantes em função do grande desejo que ele mantinha pela mãe: o de compartilhar de sua cama na ausência do pai e, sempre que possível, também em sua presença. Em outras palavras, Hans, inconscientemente, ao dormir na cama da mãe na ausência do pai, começou a nutrir por ela um grande desejo erótico e por esse motivo rivalizava com o seu pai.

Os primeiros traços da vida sexual do pequeno Hans revelam-se, desde cedo, por um vivo interesse que ele tem por seu pipi. “Esse interesse despertou nele o espírito de inquérito” (1909, p. 98) e por isso Freud diz que “a ânsia por conhecimento parece ser inseparável da curiosidade sexual. A curiosidade de Hans orientava-se em particular para seus pais” (Freud, 1909, p. 18), ou melhor, para o pipi deles e de outras “pessoas”. Por observações e perguntas do menino, isso se confirma:

Hans (três anos): “Mamãe, você também tem um pipi?”

Mãe: “Claro. Por quê?”

Hans: “Nada, eu só estava pensando” (Freud, 1909, p. 16).

Noutra ocasião, ele estava olhando insistentemente sua mãe despida, antes de ir pra cama.

Mãe: “Para que você está olhando para mim desse modo?”

Hans: “Eu só estava olhando para ver se você também tem um pipi.”

Mãe: “Claro. Você não sabia?”

Hans: “Não. Pensei que você era tão grande que tinha um pipi igual ao de um cavalo.” (Freud, 1909, p. 19)

Daí por diante Hans começa a se interessar pelos pipis dos animais: o peito da vaca, quando ordenhada, é confundido por ele com um grande pipi; ele repara que o cavalo, o leão, a girafa têm pipis enormes. Seu interesse por

pipis vai mais longe, e ele chega a pensar que até os seres inanimados têm pipis: “Olha, a locomotiva está fazendo pipi. Mas onde está o pipi dela?” (Freud, 1909, p. 18). E depois de refletir chega à conclusão de que “um cachorro e um cavalo têm pipi; a mesa e a cadeira, não” (Freud, 1909, p. 18). Seu interesse volta-se agora para seu pai:

Hans (três anos e nove meses): “Papai, você também tem um pipi?”
Pai: “Sim, claro.”
Hans: “Mas nunca vi, quando você tirava a roupa” (Freud, 1909, p. 18).

Freud salienta que sua curiosidade por pipis não era meramente teórica, “como era de esperar, também o impelia a *tocar* em seu membro” (Freud, 1909, p. 17). Prova disso é que a mãe, percebendo que ele vinha com frequência brincando com o seu pipi antes de dormir, lhe diz: “Se fizer isso de novo, vou chamar o Dr. A. para cortar fora seu pipi. Aí como você vai fazer pipi?”. Ao que o menino responde: “Com o meu traseiro”.

É nesse momento, quando Hans tem três anos e meio, quando nasce sua irmã Hanna que, segundo Freud, se dá no menino o início do complexo de castração. Embora, ainda nessa ocasião, ele não se sinta realmente ameaçado pelas palavras da mãe, ele será verdadeiramente dominado pelo complexo de castração aos quatro anos e oito meses quando a fala da mãe é resignificada e toma outras proporções:

Os animais grandes têm pipis grandes e os animais pequenos têm pipis pequenos. E todo mundo tem um pipi. E o meu pipi vai ficar maior quando eu crescer; ele está preso no mesmo lugar, é claro (p. 38).

É curioso como sutilmente Hans demonstra o medo que tem de perder seu pipi dizendo que ele ainda está “preso no mesmo lugar”. Entre a ameaça ser proferida e ter algum efeito para Hans, notamos que se passou um ano e três meses. Parece ser que quando esse efeito adiado ocorre Hans já está imbuído de descobrir a origem dos bebês, está totalmente imerso no período das investigações sexuais infantis, momento no qual vai se deparar com a diferença dos sexos e, inicialmente, negá-la, *é claro*.

Mesmo depois do nascimento da irmã, Hans continua com um vivo interesse por pipis, mas também se volta para a questão da origem dos bebês. Ele desconfia da teoria das cegonhas apresentada pelo pai e se sente ameaçado pela chegada da irmã, para quem é dispensada a maior parte da atenção e dos cuidados da mãe. Ele diminui o valor da irmã dizendo que ela não tem dentes e por isso ela não sabe falar, ou observando que o pipi dela é muito pequeno. Assim, mostrando veladamente os sentimentos hostis que nutre contra ela, não só expressa sua infelicidade por ter perdido seu lugar na atenção dos pais, como intensifica, inconscientemente, seu receio de perder, quem sabe, o seu próprio pipi.

Das observações que colhemos na leitura do caso do menino Hans poderemos agora destacar os principais elementos que estão envolvidos no despertar das investigações sexuais infantis e da curiosidade sexual infantil.

Freud afirma que a curiosidade sexual de Hans sobre seu pipi desperta, muito precocemente, nele um “espírito de inquérito”, isto é, de “perguntador” ou, o que dá na mesma, de pesquisador. Isso o faz afirmar que “a precocidade sexual é um correlato, raramente ausente, da precocidade intelectual” (p. 127), ou seja, ele está colocando no mesmo plano interesse sexual e interesse intelectual. E nisso ele está reforçando aquela ideia de que a curiosidade intelectual deriva do período das investigações sexuais.

No entanto, parece haver algo mais quando Freud afirma que

O prazer que uma pessoa sente no seu próprio órgão sexual pode tornar-se associado com a escopofilia (ou prazer sexual de olhar) nas suas formas ativa e passiva. (...) Assim, o pequeno Hans começou a tentar dar uma olhada nos pipis dos outros; sua curiosidade sexual desenvolveu-se, e ao mesmo tempo, ele gostava de exibir seu próprio pipi. (...) [isto é,] o lado ativo de sua escopofilia logo se associou nele com um tema definido. Ele expressou repetidamente, tanto para o seu pai como para sua mãe, seu pesar por nunca ter visto seus pipis; e foi provavelmente a necessidade de *fazer uma comparação* que o impeliu a fazer isso (p. 99).

As palavras de Freud resgatam a composição mesma da pulsão de saber: que esta atua com a energia da pulsão de ver. Porém, nestas palavras também vemos os elementos que fazem emergir para Freud a curiosidade infantil: “o prazer de tocar e o prazer de ver” e “a ameaça de castração” (Kupfer, 1990, p. 156-157).

Assim, é possível pensar que a curiosidade infantil emerge de uma atividade autoerógena (no próprio corpo), mas se transfere para fora, no prazer de ver os outros e se exhibir para eles, no contato da criança com a diferença sexual.

No caso de Hans o que o leva a querer olhar os pipis das outras pessoas e compará-los com o seu é exatamente a ameaça de castração proferida pela mãe e vivida em função da chegada da irmã, momento no qual ele se depara com a diferença sexual, e se sente castrado.

Importante notar o papel do outro, no movimento que a criança realiza: ela sai de uma curiosidade sexual dirigida para o próprio corpo e avança para fora dele, isto é, seu desejo de ver o próprio corpo se transfere para o corpo dos outros, e isso vai dirigir sua curiosidade para os objetos do mundo. Mas a criança não faz isso imbuído somente do prazer de ver, mas exatamente imbuído pela ameaça de perder seu lugar no mundo. É, por sentimentos egoístas, por temer que outro bebê venha atravancar seu caminho, que ela começa a pensar.

Vimos no Cap. 3 como Freud atribui grande importância à chegada de um novo bebê para o despontar da curiosidade infantil. Em Hans isso se confirmou claramente já que “o nascimento de sua irmã estimulou-o a um esforço de pensamento que, de um lado, era impossível conduzir a uma conclusão e que, de outro, envolveu-o em conflitos emocionais” (p. 120).

Hans, mesmo sendo um exímio investigador, tendo uma intensa atividade investigativa, não chega, aliás, como toda criança, a descobrir a origem dos bebês. Mas é especialmente interessante o movimento de Hans na empreitada de saber qual o papel do pipi e do pai na concepção dos bebês. Ele chega à conclusão de que a mãe seguramente tem algo a ver com isso, se identifica com ela, fantasia ter filhos, assim como ela tem. Mas no que se refere ao pai, embora ele ainda não saiba exatamente seu papel, lhe dá mostras de que já desconfia: “Eu pertenço a você também, não pertenço?” (p. 93), querendo dizer não só à mãe dele. A hipótese por trás dessa pergunta é visível nesse diálogo entre ele e o pai:

Pai: “Alô, seus filhos ainda estão vivos? Você sabe muito bem que um menino não pode ter filhos.”

Hans: “Eu sei. Antes eu era a mamãe deles, *agora eu sou o papai deles.*”

Pai: “E quem é a mamãe das crianças?”

Hans: “Ora, a mamãe, e você é o vovô delas.”

Pai: “Então você gostaria de ser do meu tamanho, e de ser casado com a mamãe, e então você gostaria que ela tivesse filhos.”

Hans: “Sim, é disso que eu gostaria, e então a minha vovó de Lains [a avó paterna] será a vovó deles.” (p. 91).

Embora Hans não saiba *o como* o pai tem a ver com a geração dos filhos, pelo diálogo é nítido que ele sabe que o pai tem parte nisso. O pequeno resolve seu problema de medo a cavalos e sua ambivalência sentimental pelo pai, se identificando com ele, virando ele próprio o seu papai: Hans se casa com sua mãe com quem tem filhos, mas, não deixa seu pai sem esposa, casa com sua avó (a mãe de seu pai) e ainda por cima lhe concede netos, bisnetos de sua avó. Brilhante resolução!

Assim, todas essas colocações a respeito do caso do menino Hans nos conduzem ao que Freud postulava na parte [1] do parágrafo sobre a “pulsão de saber”:

“Ao mesmo tempo em que a vida sexual da criança chega a sua primeira florescência, entre os três e os cinco anos, também se inicia nela a atividade que se inscreve na pulsão de saber ou de investigar (1905[1915], p. 183).

Dito de outra forma, para Freud os processos de pensamento emergem do interesse ou dos problemas sexuais, isto é, se inserem nos meandros da sexualidade.

A leitura do caso do pequeno Hans nos fez constatar que embora Freud não use os termos “pulsão de saber” ou “desejo de saber” ele fala de “curiosidade”. Pois bem, isso que é nomeado como curiosidade (no texto do pequeno Hans) é acima (no texto dos Três Ensaio) chamado de “pulsão de saber ou de investigar” e é, por nós, chamado de “desejo de saber”. Assim, podemos dizer que o “desejo de saber” é a ânsia que uma criança apresenta de saber sobre a sexualidade, isto é, um desejo de investigar questões sexuais.

Agora, passemos ao texto “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância” (1910), para entendermos como a ânsia de saber sobre a sexualidade, o “desejo de saber”, se transforma em “pulsão de saber”, isto é,

na busca de conhecimento sobre as coisas do mundo, sobre questões “não sexuais”.

4.3 Leonardo da Vinci e sua ânsia de conhecimento

Leonardo da Vinci é geralmente conhecido como sendo aquele que pintou o famoso retrato de Mona Lisa, isto é, é reconhecido como artista, por suas criações no campo da arte. Freud (1910), ao escrever sobre Leonardo, não só fala de sua inegável capacidade de criação artística, mas destaca principalmente sua intensa produção no campo da ciência, enfatiza a ânsia de Leonardo pelo conhecimento, pela pesquisa.

Em seus apontamentos científicos sobre o vôo de abutres, Leonardo trouxe à luz uma recordação de sua infância, que muito intrigou Freud: estando ele em seu berço, foi visitado por um abutre que lhe abriu a boca com sua cauda e com ela fustigou-lhe repetidas vezes dentro da boca (1910, p. 90). Freud propõe uma análise para essa lembrança no intuito de testar uma hipótese que elabora sobre Leonardo, a de que:

A essência e o segredo de sua natureza parecem derivar do fato que, depois de sua curiosidade ter sido ativada, na infância, a serviço de interesses sexuais, conseguiu sublimar a maior parte de sua libido em sua ânsia pela pesquisa (p. 88).

O propósito de Freud é mostrar que a enigmática personalidade artística de Leonardo, visível em sua peculiar característica de deixar suas obras sempre inacabadas; seu genuíno espírito investigador que se estende “praticamente a quase todos os ramos da ciência natural” (p. 85); assim como sua inatividade sexual; derivam da intensa investigação sexual que Leonardo experimentou em sua tenra infância.

Além disso, Freud, com essa suposição sobre Leonardo, parece querer provar sua teoria de que a curiosidade adulta deriva da curiosidade sexual infantil. Em outras palavras, Freud acredita que uma infantil ânsia de saber sobre os problemas sexuais, um “desejo de saber”, é o que orientará uma pessoa em sua busca de conhecimentos no mundo, na sua “pulsão de saber”.

Passemos então às considerações de Freud quanto à recordação infantil de Leonardo da Vinci, através das quais reuniremos mais elementos para confirmar a hipótese teórica de Freud.

Freud julga que a lembrança de Leonardo é na verdade “uma fantasia que ele criou mais tarde transpondo-a para a sua infância” (p. 90), pois, afirma ele, as lembranças da infância são criadas dessa forma, sofrendo “alterações e falsificações de acordo com os interesses ulteriores” (p. 91).

Freud imprime à fantasia do abutre um conteúdo erótico e a traduz de duas formas: primeiramente, encara-a como um ato de felação, isto é, a prática do sexo oral, onde a cauda do abutre representa o pênis que é fustigado na boca de Leonardo. E depois a traduz como a primeira experiência de prazer de Leonardo, a de mamar, onde então a cauda toma o sentido de seio materno.

Interessante atentar para o fato de que a fantasia de Leonardo o reenvia para aquela situação primeira de satisfação. E se esta situação é retomada numa fantasia talvez demonstre que a mãe possa ter sido, desde cedo, o alvo dos desejos mais íntimos de Leonardo.

Para Freud “o que a fantasia [do abutre] encerra é meramente uma reminiscência do ato de sugar” (p. 94) onde o abutre representaria a mãe que amamenta seu filho, o Leonardo, uma cria de abutre²³. Como resultado das correspondências simbólicas <abutre – cauda – pênis – seio – mãe> temos uma mãe dotada de pênis, isto é, uma mãe fálica.

Essa mãe fálica é evidenciada nas palavras do próprio Leonardo, quando ele aponta em qual momento poderia ter surgido sua fantasia do abutre:

foi numa época em que a minha curiosidade afetuosa era toda dirigida à minha mãe, e que eu pensava ter ela um órgão genital igual ao meu (Freud, 1910, p. 104).

²³ Para afirmar isso Freud se reporta aos hieróglifos do antigo Egito onde a mãe era representada pela imagem de um abutre. Essa ave de rapina era considerada símbolo da maternidade, pois acreditavam que só existiam abutres do sexo feminino, e que estes eram fecundados pelo vento. “Em certa época essas aves se detêm em meio ao vôo, abrem a sua vagina e são fecundadas pelo vento”, daí os abutres despontarem como símbolo de fertilidade. Na fantasia de Leonardo ele substitui, inconscientemente, a mãe por um abutre porque tinha ele conhecimento da ausência do pai em sua primeira infância, e acaba nessa substituição por comparar-se a uma cria de abutre. (1910, p. 95-96-98).

Essa declaração traz ecos da “premissa universal do pênis”, a teoria formulada pela criança quando ela está na travessia do complexo de castração. Na tentativa de comprovar a hipótese de que todas as pessoas possuem um pênis (principalmente a mãe), Leonardo é tomado pela pulsão de ver, exteriorizando, portanto, um intenso desejo de ver os genitais alheios para compará-los ao seu. Essa teoria evidencia a atração erótica que Leonardo sentia pela mãe, e reflete também sua precoce investigação sexual, que, para Freud, teve influência decisiva sobre toda a vida futura de Leonardo.

Freud conclui que a fantasia de Leonardo remete aos seus primeiros cinco anos de idade, onde, em função da ausência paterna, ele teve uma estreita vivência com a mãe. A experiência de viver sem um pai, afirma Freud, fez Leonardo, muito cedo e com uma intensidade toda especial, iniciar suas investigações sobre sua origem, pois lhe acrescentou, comparado às outras crianças, um problema a mais para pensar: além de procurar saber de onde vêm os bebês teve também que investigar o papel do pai nessa história. Freud conclui que a falta do pai nesse “quebra-cabeça das origens” contribuiu enormemente para que Leonardo se tornasse um precoce investigador de problemas sexuais e um futuro pesquisador de coisas não sexuais.

Sua ulterior investigação científica, caracterizada por sua ousadia e independência, pressupõe a existência de pesquisas sexuais infantis não inibidas pelo pai e representa uma prolongação das mesmas com a exclusão do elemento sexual (p. 128).

Em outras palavras, Freud está nos dizendo que a “pulsão de saber” de Leonardo, a sua intensa ânsia pela investigação científica, se constituiu com uma certa dose de “transgressão” à figura paterna. Além disso, também vemos declarado que as primeiras investigações sexuais de Leonardo se transformaram na sua ulterior “pulsão de saber”, o que nos leva a trazer as considerações de Freud sobre a configuração da “pulsão de saber”.

De acordo com ele, uma enérgica ação recalcadora põe fim ao período das investigações sexuais infantis. A partir de então, com essa forte ação do

recalque²⁴, a curiosidade sexual das crianças, isto é, seu o desejo de saber sobre o sexual, poderá ter três diferentes tipos de destino.

No primeiro deles, haverá um recalque total do “desejo de saber”, “portanto, a curiosidade permanecerá inibida e a liberdade da atividade intelectual poderá ficar limitada durante todo o decorrer da vida, sobretudo porque, logo a seguir, a influência [a coerção] da educação acarretará uma intensa inibição religiosa do pensamento” (p. 87), ou seja, o resultado será uma *inibição intelectual neurótica*.

No segundo, o “desejo de saber” também sofrerá recalque, mas ele retornará em forma de uma preocupação pesquisadora compulsiva, “naturalmente sob uma forma distorcida e não livre, mas suficientemente forte para sexualizar o próprio pensamento e colorir as operações intelectuais com o prazer e a ansiedade características dos processos sexuais” (p. 88). Ou seja, o resultado é uma *intelectualização obsessiva*, a atividade intelectual torna-se uma atividade sexual.

No terceiro tipo, o mais valorizado por Freud e no qual ele coloca Leonardo, o “desejo de saber” também sofre recalque, mas não total, por isso ele “escapa tanto à inibição do pensamento quanto ao pensamento neurótico compulsivo” (p. 88). Apenas uma parcela do “desejo de saber” escapa à ação do recalque sublimando-se em “pulsão de saber”. Aqui está um “desejo de saber” sobre a sexualidade, originado no período das investigações sexuais infantis, se transformando em “pulsão de saber” ou “pulsão de investigação”, ou seja, numa ânsia de saber sobre as coisas do mundo.

Vemos que dos três tipos de destino, o terceiro já foi postulado por Freud nos Três Ensaio (1905) na parte [2] do parágrafo sobre a pulsão de saber. Lembremos que lá ele define parte dessa pulsão como uma forma sublimada da pulsão de dominação. Aqui, é exatamente essa pulsão parcial, em atividade no período de investigação sexual, que vemos sublimada.

Vimos que nos três destinos descritos acima houve a ação do recalque, embora, em cada um deles, de forma e intensidade diferentes. O que poderia

²⁴ O recalque pode ser entendido como uma: “operação pela qual o indivíduo procura repelir ou manter no inconsciente representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão” (Laplanche e Pontalis, 1967: 553). O que sofre recalque, que deve manter-se no inconsciente, é exatamente a pulsão sexual representada aqui pelo “desejo de saber” sexual das crianças, exteriorizado no período de suas investigações sexuais.

ser tão forte a ponto de acarretá-los? No segundo tipo Freud fala que a educação influencia fortemente no processo de recalçamento do desejo de saber. O período de pesquisa sexual das crianças é interrompido em função do estabelecimento da moral.

Pois bem, isso nos leva para o *complexo de Édipo* momento no qual a criança se deparará com a castração e terá que se posicionar frente a ela. Depois da travessia desse complexo a criança estará constituída como: neurótica, psicótica ou perversa. Neste trabalho, falamos da primeira forma de constituição.

Uma constituição neurótica do sujeito indica que uma criança, ao sair do Édipo, terá sua identidade sexual e sua posição desejante estruturadas; o que só é possível por uma interiorização do *não*, da moralidade. Este *não* é veiculado justamente pelo pai quando este traz consigo a enunciação da lei universal da proibição do Incesto. É ele quem barra a criança em suas pesquisas sexuais dizendo-lhe que ela deve deixar de querer saber sobre a sexualidade e, principalmente, deve deixar de desejar saber sobre a sexualidade da mãe, ou seja, deve parar de desejá-la.

O pai enuncia à criança, com suas palavras e com suas ações, que ela está proibida de desejar a mãe como objeto sexual. Lembremos que é exatamente isso que o pai de Hans faz com ele ao demonstrar ao menino que ele não pode ir para a cama da mamãe. A prova de uma interdição é que o menino desenvolve uma fobia a cavalos, um disfarce para o medo que o pai lhe provoca.

Mas se, por um lado, o pai anuncia uma interdição; por outro, ele traz também uma promessa: em troca de a criança abrir mão de seus parentes como objeto de amor, ela poderá escolher como objeto quem ela quiser fora do âmbito parental, e isto é extremamente positivo, pois a lança ao mundo. A Lei maior não é só uma lei que imputa uma restrição, ela abre possibilidades.

Assim, o que constatamos no processo de transformação de um “desejo de saber” em uma “pulsão de saber”, é que a criança, interdita pela Lei maior, então confrontada pela castração, embora forçada a deixar de desejar saber sobre aquilo que se refere à sexualidade (pois ela deve recalçar os seus desejos sexuais incestuosos), pode ter ela uma possibilidade de *desejar saber* sobre os objetos do mundo.

Dessa forma, em função do que foi exposto ao longo desse capítulo, é possível perceber que de uma impossibilidade podem surgir possibilidades. Circunscrevendo melhor, a “pulsão de saber” deriva exatamente de uma impossibilidade de satisfação do “desejo de saber”, pois, embora não seja possível dominar a sexualidade e o desejo, porque na ordem do inconsciente; é possível exercer um domínio ao menos sobre o conhecimento, na esfera do mundo.

Por fim, acabamos nosso trabalho, delineando o “desejo de saber” como aquilo que está no campo do insaciável, do inexaurível e a “pulsão de saber” como aquilo que está no campo das possibilidades, dos saberes socialmente constituídos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de Iniciação Científica ao qual nomeamos de “A sexualidade infantil e o desejo de saber: a origem da atividade intelectual nas crianças” teve como objetivo estudar, pelo viés da psicanálise, como se origina a atividade intelectual nas pessoas. Partimos da afirmação de Freud de que uma criança começa a pensar na medida em que entra no período das investigações sexuais infantil; isso nos levou a entender que há para Freud uma íntima relação entre pensamento e sexualidade.

Assim sendo, ao longo de todo trabalho o que fizemos foi nos reportarmos a diversos textos de Freud e também a textos de seus comentadores e fazer uma rigorosa leitura, na tentativa de circunscrever as relações postuladas por Freud sobre a nossa temática.

Então, no **Capítulo 1**, começamos nossa empreitada investigando o conceito de *pulsão (Trieb)*. Descobrimos que, para Freud, a pulsão funciona como um conceito-limite que articula o corpo e o psíquico. Ou seja, ela se apoia no corpo para se constituir e sua função maior é impulsionar o sujeito para a vida, para a busca de objetos que o satisfaçam. Buscar objetos de satisfação não é algo que se dá naturalmente, mas é algo constantemente “aprendido e apreendido” na vivência com os outros, com a interveniência dos outros. E essa constatação nos levou ao segundo capítulo, onde discutimos a sexualidade humana.

No **Capítulo 2**, fizemos um mergulho em dois dos “Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade” com o propósito de entender o que significa *sexualidade* para a psicanálise. Nessa atenta leitura descobrimos que Freud, a partir do estudo das perversões sexuais, conclui que há sexualidade infantil e que ela se manifesta nas crianças através de uma intensa e perversa atividade sexual autoerógena. Do estudo das perversões sexuais e das manifestações sexuais infantis, Freud traz à luz a qualidade maior da pulsão sexual, a de ser perverso-polimorfa, dizendo, portanto, que a sexualidade humana, cuja força é a libido, busca atingir seu alvo, a obtenção de prazer, de diversas maneiras, em diversas fontes e em diversos objetos.

O estudo da sexualidade infantil nos permitiu entender que a sexualidade nasce por um apoio às funções vitais e nisso descobrimos o papel crucial da mãe na construção da sexualidade da criança, já que ela é a responsável por apresentar ao recém-nascido seus primeiros objetos de satisfação. Vimos que é das intervenções dessa mãe no corpo de seu bebê, nos cuidados e carinho dedicados a ele, que ele viverá a experiência mítica de satisfação total, que para sempre, marcará sua busca de prazer. Uma busca eternamente marcada por uma falta, pelo desejo. Toda essa discussão a respeito da sexualidade nos levou a pensar o desejo como correlato do olhar, e então, trouxemos o olhar como metáfora para o desejo.

Neste momento, nos dedicamos a entender como uma criança é pulsionada a desejar, a buscar objetos que melhor a “satisfazam”. E vimos que uma criança, para desejar de fato, ou seja, para tornar-se um verdadeiro “sujeito do desejo” é preciso que ela, desde muito cedo, esteja tomada num circuito pulsional, ou seja, precisa de um adulto, que com seu desejo, que com seu olhar investido de libido, a *pulsione* a também desejar.

Constatamos que, na relação com a mãe o bebê se agarrará (alienará) ao olhar (desejo) materno e com isso terá, pela primeira vez, uma imagem totalizante de seu corpo. Queremos dizer que o bebê ao se identificar com o olhar materno, com aquilo que lhe diz a mãe, passa a se reconhecer como alguém, o que contribui enormemente para que ele, aos poucos, vá se configurando como um sujeito de desejo.

Passamos então ao **Capítulo 3** e nos dedicamos a estudar e refletir sobre as teorias sexuais criadas pelas crianças em sua tentativa de descobrir o segredo do nascimento dos bebês. Tomadas pela excitação pulsional que vivem em seu corpo as crianças começam a teorizar sobre a sexualidade. Por nutrirem uma especial desconfiança pelo que lhe dizem os adultos a respeito da chegada dos bebês, as crianças se põem a elaborar, em segredo, suas teorias sobre a sexualidade: todos os seres têm um pênis; os bebês são gerados pela ingestão de algo e saem pelo ânus; além de atribuírem sentido sádico à relação sexual. Concluimos com isso que todas essas teorias encobrem a diferença sexual, negam a castração.

Todas as reflexões que travamos sobre as teorias sexuais infantis nos permitiram entender que as crianças, na sua busca frenética por sua origem,

inevitavelmente entram em contato com a castração, embora tentem a todo custo negá-la. O resultado do embate com a castração é isso: teorizar, teorizar! É nessa tortuosa teorização que a criança se põe a pensar. É a partir de suas investigações sexuais que uma criança inicia seu pensamento; em outras palavras, é aqui que tem lugar o “desejo de saber”, que mais tarde, poderá, talvez, se transformar numa “pulsão de saber”. Bem, é sobre isso que falamos no nosso último capítulo.

No **Capítulo 4**, num primeiro momento, nos dedicamos a estudar a composição da “pulsão de saber”, tal como ela é apresentada por Freud nos “Três Ensaio”. Dessa análise inferimos a existência de algo que pode ser chamado de “Desejo de Saber” e algo que pode ser chamado de “Pulsão de Saber”. Num segundo momento, nossa atenção recaiu sobre a leitura e análise de dois textos de Freud: o pequeno Hans (1909) e Leonardo da Vinci (1910), na tentativa de ver vislumbrada a diferenciação que propomos.

Além disso, nesses textos tivemos a chance de vislumbrar a maior parte do que falamos ao longo de nossa pesquisa: o papel dos outros na constituição da sexualidade da criança; a importância do período das investigações sexuais infantis para a configuração de uma “pulsão de saber”; o fracasso das teorias sexuais infantis; e claro, o embate da criança com a castração.

Dessa forma, tendo em vista toda a discussão travada entorno da temática da busca do conhecimento, terminamos este trabalho de pleno acordo com Rinaldo Voltolini (2006), pois acreditamos, assim como ele, que o conhecimento é feito de avanços e de recuos, de conflitos e superações. Sem sombra de dúvidas, no fim constatamos que a atividade de conhecer “não cessa de se relacionar com um enigma”! E isso nos remonta à epígrafe primeira de nosso trabalho, na qual vimos Édipo reclamar por sua origem: *“Por que, pois, haveria eu de renunciar a descobrir o segredo de meu nascimento?”*.

A pergunta de Édipo é a das origens, a pergunta que não cessa de se inscrever como o *grande enigma* – talvez o primeiro deles, já que o único verdadeiramente indecifrável: o enigma do Desejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLUM, Rodrigo. "O buraco da fechadura". In: *Percurso 41*, Dez/2008, Ano XXI, Dez/2008. p. 67-74.

DOREY, Roger. *Le désir de savoir*. Paris, Denoel, 1988.

DUNKER, Christian. "A narrativa na construção do saber sexual". In: *Educação e subjetividade: subjetividade e modernidade/Grupo de Pesquisa do CNPq, Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo*. Ano 1, n.1, São Paulo: EDUC, 2005, p. 137-159.

FREUD, Sigmund (1900). "A interpretação dos sonhos" (parte I). In: *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Edição Standart Brasileira*, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____ (1905). "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade". In: op. cit. – vol. IV.

_____ (1907). "O esclarecimento sexual das crianças". In: op. cit. – vol.IX.

_____ (1908). "Sobre as teorias sexuais das crianças". In: op. cit. – vol.IX.

_____ (1909). "Romances familiares". In: op. cit. – vol.IX.

_____ (1909). "Análise de uma fobia em um menino de cinco anos". In: op. cit - vol. X.

_____ (1910a). "Cinco Lições de Psicanálise". In: op. cit - vol. XI.

_____ (1910b) "Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância". In: op. cit - vol. XI.

_____ (1917a). *Conferências introdutórias sobre psicanálise, parte 3 – Conferência XX: "A vida sexual dos seres humanos"*. In: op. cit - vol. XVI.

_____ (1917b). *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, parte 3 – Conferência. XXI: “O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais”. In: op. cit - vol. XVI.

_____ (1923). “A organização genital infantil. Uma interpolação na teoria da sexualidade”. In: op. cit - vol. XIX.

_____ (1925). “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”. In: op. cit - vol. XIX.

FREUD, Sigmund (1914). “*À guisa de introdução ao narcisismo*”. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*, vol.1, trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. (1915). “Pulsões e destinos das pulsões”. In: *Obras Psicológicas de Sigmund Freud - Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*, vol.1, trad. Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

KUBRIC, Simone. “*O infantil além dos princípios (psico)pedagógicos. Conceitos da psicanálise para uma reflexão sobre a educação*”. Dissertação de mestrado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2007.

KUPFER, Maria Cristina. “*O desejo de saber*”. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1990.

_____. *Freud e a educação*. 3. ed. São Paulo: Scipione, 2005.

LAJONQUIÈRE, Leandro de. (1992). *De Piaget a Freud: para repensar as aprendizagens. A (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber*. Petrópolis: Vozes, 14ª ed., 2007.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B (1967). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 7ªed., 1983.

LAZNIK-PENOT, Marie-Christine. “*Por uma teoria lacaniana das Pulsões*”. In: *Dicionário de psicanálise: Freud & Lacan*. Salvador BA: Ágalma, 1997, p. 209-224.

LAZNIK-PENOT, Marie-Christine. “Do fracasso da instauração da imagem do corpo ao fracasso da instauração do circuito pulsional: quando a alienação faz falta”. *O que a clínica do autismo pode ensinar aos psicanalistas*. Salvador BA: Ágalma, 1991, p. 31-48.

LÉVY, Robert. *O infantil na psicanálise: o que entendemos por sintoma na criança*. Trad. Sônia Fuhrmann. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 20.

MASOTTA, Oscar. *O comprovante da falta*. Campinas, SP: Papyrus, 1987.

MONTEIRO, Elisabete Aparecida. “A transferência e a ação educativa”. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, 2000.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SOFÓCLES. *Édipo Rei*. Esta tragédia está em domínio público. A versão utilizada em nosso trabalho é digital e pode ser encontrada em:
< <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000024.pdf> >.

TROCHET, Christiane. “De la transgression vers la sublimation”. In KAES, René e ANZIEU, Didier. *L`interdit ET la transgression*. Paris: Dunod, 1983.

VOLTOLINI, Rinaldo. “Pensar é desejar”. In: *Revista Educação Especial: Biblioteca do Professor*. Nº 1. São Paulo: Segmento, 2006, p. 36-45.